



Universidade de Brasília

Faculdade de Ceilândia- FCE

Terapia ocupacional

Fernanda Lopes Bento Xavier

Biografias Femininas, racismo e subjetividade ativista:

Um olhar sobre a saúde de militantes negras.

Brasília

2015

Faculdade de Ceilândia- FCE

Terapia ocupacional

Fernanda Lopes Bento Xavier

10/0100996

Biografias Femininas, racismo e subjetividade ativista:

Um olhar sobre a saúde de militantes negras.

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília para obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional. Sob orientação da Prof^a. Ma Josenaide Engracia do Santos e Co-orientação da Prof^a. Dra Rosamaria Giatti Carneiro

Brasília

2015

XAVIER, Fernanda Lopes Bento

Biografias Femininas, racismo e subjetividade ativista: Um olhar sobre a saúde de militantes negras.

Orientação: Josenaide Engracia dos Santos

51 paginas

Projeto Final em Terapia Ocupacional- Faculdade de Ceilândia- Universidade de Brasília

Brasília, 2015

Agradecimentos

Nesse espaço gostaria de agradecer a todas e todos que fizeram parte da construção de minha identidade negra.

Às mulheres negras da minha vida, que desde sempre guiam meus passos e meus caminhos, a Ivone, Julliana, Amane e Valeria, por serem mulheres, por serem negras e por se orgulharem disso.

Às participantes da pesquisa que se dispuseram a compartilhar comigo suas histórias, angústias e medos e que fizeram concreto o meu trabalho.

Ao Gabriel, amigo e confidente, que mesmo a distância me tranquiliza e alegra meus dias.

À Carol, muito obrigada pela frequência afetiva, à ajuda no trabalho e os momentos tão necessários de risadas e distrações.

Ao grupo AFLORA onde me construí e pude me formar na militância. À todos (as) os (as) integrantes que fundaram junto comigo o grupo com lutas, angústias e discussões. A aos grupos e coletivos dos quais fiz e faço parte.

A todos amigos e familiares que me apoiaram e foram fundamentais na minha chegada até aqui.

À professora Rosamaria, coorientadora nesse trabalho e orientadora em tantos outros, que tem enorme importância em minha trajetória acadêmica até aqui, encorajando-me e me incentivando.

À professora Josenaide Engracia, orientadora desse trabalho, que dedicou parte do seu tempo não somente para orientações, mas também para compartilhar comigo suas experiências enquanto mulher negra e que tornou o espaço de orientação um lugar de acolhimento.

Obrigada pelas oportunidades.

“A tomada de consciência da opressão
ocorre, antes de tudo, pelo racial.”

Lélia Gonzalez

RESUMO

Tendo como base a reflexão de que ativistas negras atuam resignificando as opressões sofridas em espaços de lutas, essa pesquisa se dedica a problematização das formas que se dá o processo e significação da militância na vida de mulheres negras ativistas, e o reflexo dessa vivência na saúde destas. Para tanto é utilizado uma abordagem qualitativa com a narrativa biográfica de 3 mulheres negras ativistas, que nos permite a aproximação com as vivências e subjetividades sem, necessariamente, nos proporcionar respostas objetivas, mas, sim, reflexões sobre os modos em que os contextos sociais constroem singularidades, em especial de mulheres negras militantes. Entendendo, ainda, que as vidas destas mulheres são marcadas por contextos sociais que as colocam em posições diferentes na sociedade. Nesse sentido, as discussões aqui presentes buscam a interpretação de como o ativismo interfere nas condições psicossociais destas mulheres.

Palavras chaves: Mulheres negras, Gênero, Raça, Ativistas negras e saúde.

ABSTRACT

Based on the reflection that black women activists act redefining the oppressions suffered in spaces of fight, this research is dedicated to questioning the manners of the process and significance of militancy in the lives of black women activists, and the reflection of this experience in their health. For that, it is used a qualitative approach to the biographical narrative of three black women activists, which allows us to get closer to the experiences and subjectivities without necessarily giving us objective answers, but rather reflections on the ways in which social contexts build singularities, especially in black women activists. Understanding further that the lives of these women are marked by social contexts that put them in different positions in society. In this sense, the discussions presented here search interpretation of how activism interferes in psychosocial conditions of these women.

Key words: Black Women, Gender, Race, black activists and health

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	4
Objetivo geral.....	4
Objetivos específicos	4
ATIVISMO NEGRO NO BRASIL	5
MILITANCIA E CONDIÇÕES PSICOSSOCIAIS	10
METODOLOGIA.....	13
Método biográfico	13
HISTÓRIAS E MILITÂNCIA.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	46
TERMO DE CONSENTIMENTO.....	49

INTRODUÇÃO

A escolha do tema para esta pesquisa é resultado de minha trajetória política e pessoal até aqui, enquanto mulher negra. Assim, de alguma forma o presente trabalho é também uma questão de autoconhecimento e militância, uma vez que, segundo Bell Hooks, vivemos em uma sociedade anti-intelectual, onde pesquisadores dificilmente são vistos como ativistas.

A identidade que assumi, a de ser mulher negra, ao longo de minha trajetória, principalmente acadêmica, define-me e me afeta, aumentando minha potência de agir nessa temática, mesmo diante das limitações socialmente construídas ao longo dos séculos. Limitações que geram consequências do racismo, como por exemplo o fato de ainda ser uma das poucas negras no espaço universitário.

Sendo assim, acredito na necessidade de inserir o racismo e suas consequências nas discussões que regem o campo da saúde, entendendo o preconceito racial como um importante determinante social de saúde. É também necessário perceber que apenas a universalidade do acesso à saúde é insuficiente na garantia de condições dignas de saúde da população negra. Demanda-se um olhar diferenciado, mais aprofundado e específico para a vivência dessa população com objetivo de atender aos princípios estabelecidos no Sistema único de saúde (SUS), principalmente o da equidade.

Falar de mulheres negras ainda me parece um tema em carência na área da saúde e não estudado em Terapia Ocupacional. Com isso, venho na tentativa de entender um pouco melhor a vivência de negritude e o ativismo pelo “direito de ser negra” e a partir disso levar a discussão para dentro da profissão de Terapia Ocupacional, problematizando, assim, os efeitos dessas subjetividades no cotidiano de mulheres negras.

Passamos por mudanças na sociedade contemporânea a respeito de questionamentos e desconstruções ideológicas. Temos aprendido a problematizar aquilo que nos incomoda e não nos acomodar com o sistema que nos oprime. Aspecto que diz respeito ao universo feminino que se conduziu a partir de

movimentos feministas que, segundo Mangosboco (2003), é dividido em três momentos.

No primeiro momento do movimento feminista, tínhamos a diferenciação sexo/gênero e exigência de igualdade de direitos entre homens e mulheres, já que elas não eram meras opositoras sexuais deles, ocorreu, nessa esteira, a denominada essencialização da Mulher. Em um segundo momento do movimento feminista, essa essencialização foi questionada e transformada pelas diferenças de gênero. Não mais o sexo como definidor, mas o gênero como produto e produtor das diferenças entre o masculino e o feminino. O que requereu um novo questionamento em analogia ao dualismo, relacionado ao homem *versus* a mulher. Em outro momento, temos o terceiro movimento feminista que surge, recentemente a partir das articulações gênero/classe/raça, o multiculturalismo, ou seja, as interconexões das etnicidades (MAGNABOSCO, 2003). São as diferenciações revelando as mulheres em sua heterogeneidade existencial, concreta, histórica, política, gênero, classe e raça, o que sinaliza para uma diversidade de mulheres negras e feministas em sua subjetividade.

Estudos mostram que o racismo, machismo, sexismo, misoginia, entre outras formas de opressão, fazem parte de um sistema que gera efeitos negativos na vida dos sujeitos que vivenciam essas práticas. Mulheres negras carregam estigmas como os de gênero e de cor, e sofrem, de certa maneira, a combinação dessas opressões e violências, afetando diretamente a qualidade de vida destas (BISPO, 2013).

Se por um lado a opressão de gênero afeta a identidade feminina, e por outro o racismo estabelece a inferioridade social de negros, mulheres negras precisam ser capazes de superar essa dupla opressão em suas vidas. Segundo Hasenbalg e Silva, 1992, O racismo é algo que afeta todo o ciclo de vida da pessoa e é algo que se traduz em problemas psicológicos e emocionais sérios, na medida em que parte da população negra tem uma autoimagem negativa.

A consciência do efeito do racismo e da exclusão social impulsiona o surgimento de movimentos de mulheres negras de combate ao racismo e sexismo, que levantam assim demandas específicas das mulheres negras brasileiras e lutam contra as desigualdades geradas pelo gênero e raça (CARNEIRO, 2011).

De acordo com Sueli Carneiro, 2003, o feminismo negro se dá na luta de mulheres negras contra as desigualdades de raça e gênero. Entendendo que existem diferenças significantes na identidade de mulher negra que não são levadas em consideração pelo clássico e embranquecido movimento feminista, onde por diversas vezes a pauta específica da mulher negra é deixada em segundo plano e o gênero tende a ser universalizado.

Tendo como base a reflexão de que ativistas negras atuam resignificando as opressões sofridas em espaços de lutas, usarei da entrevista biográfica como forma de interpretar em que medida o ativismo interfere nas condições psicossociais destas mulheres. Uma vez que, enquanto Terapeuta Ocupacional é fundamental o recorte cotidiano e saúde e a influência que um exerce sob o outro.

Para isso, pude contar com 3 mulheres negras que dedicaram seu tempo a me contar a história de suas vidas, angústias e medos, as quais agradeço.

Dessa forma, tenho como proposta de pesquisa a problematização das formas que se dão o processo e significação da militância na vida de mulheres negras ativistas, e o reflexo dessa vivência na saúde destas, principalmente as condições psicossociais.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender as formas que se dão os processos e significação da militância na vida de mulheres negras ativistas, e o reflexo de sua vivência na saúde psicossocial.

Objetivos específicos

Identificar as trajetórias das mulheres negras que contribuíram para se tornarem ativistas.

Explicar a relação entre vivência da militância, a saúde e cotidiano das mulheres negras militantes.

I

ATIVISMO NEGRO NO BRASIL

Uso aqui o conceito de ativismo dado por Patrícia Hill Conlin em seu livro “Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment” que consiste em ações de mulheres negras, seja individualmente ou em grupos organizados, com a finalidade de organizar ações que influenciem as estruturas sociais e modifiquem instituições. A autora reforça, ainda, a importância de ações coletivas para transformações sociais, políticas e econômicas. Assim, para falar de ativismo de mulheres negras, considero importante, de forma sucinta, um resgate histórico do movimento negro, uma vez que a luta pela igualdade racial se mostra mais urgente.

Buscando esse resgate, é possível encontrar ações políticas desenvolvidas por negras e negros com finalidade de garantia de direitos e igualdade para a população negra ainda no período escravocrata. Desde suas primeiras atuações no Brasil, em 1889, o movimento negro brasileiro tem dialogado por meio de diversas estratégias não somente com o Estado brasileiro, mas principalmente, com a população negra, no intuito de quebrar o estigma de inferioridade carregado por esses e também na busca do fim do racismo e das injustiças sociais (DOMINGUES, 2007).

Segundo Domingues (2007), o movimento negro transita por momentos diferentes no decorrer da história do Brasil. Sua atuação já podia ser vista entre 1889 e 1937, período no qual vigorava de maneira forte o “processo de branqueamento”. Ideologia que tinha como objetivo a criação da ideia de “raça brasileira”, fruto de miscigenação entre a raça superior (branca) com as demais, como negros e índios, dando assim a possibilidade das raças ditas inferiores serem melhoradas tanto biológica quanto culturalmente (GESTEIRA, 2012).

Esse processo reforça o estereótipo da população negra, que acabava de sofrer a abolição da escravidão, e a inseria em condições de iniquidades. Nesse cenário, diversas organizações negras, como associações, clubes e grêmios, com destaque a “Frente Negra Brasileira”, atuaram junto à comunidade negra buscando o fim da marginalização política, social e econômica destes (DOMINGUES, 2007).

No período de 1945 a 1964, os protestos do movimento negro são marcados pelo surgimento de dois grupos, a “União de Homens de cor” (UHC) e o “Teatro Experimental do Negro” (TEN), com atuações voltadas para a promoção econômica e intelectual da população negra no país e a utilização da cultura, principalmente do teatro, como forma de se trabalhar na valorização da imagem do negro e o resgate de sua autoestima, respectivamente. (BRASIL, 2012)

Já o período pós-ditadura militar (1978- 2000), segundo Domingues (2007), é caracterizado inicialmente por pouca mobilização social, uma vez que a ditadura causa um silenciamento da sociedade civil, e com isso o desaparecimento de alguns movimentos sociais, incluindo organizações negras que sofreram isolamento político e passaram a ser acusados de serem os criadores do racismo que era então desacreditado no país.

Nessa mesma época, funda-se o “Movimento Negro Unificado” (MNU) que atua em vários âmbitos, mas principalmente na valorização da cultura negra no país, resgatando, assim, a identidade negra e indo contra o ideal de mestiçagem tão presente no país, argumentando que tal ideal desvalorizava as características do povo negro e a identidade racial.

No final da década de 70 e início da década de 80, temos no Brasil o movimento de reforma sanitária, que favorece a reorganização da sociedade civil e, conseqüentemente, dos movimentos sociais. Assim, o MNU, como movimento social legítimo da negritude, também contribui para a retomada dos movimentos sociais. Essa contribuição acontece por meio de ações públicas de saúde, através da inclusão de pautas sobre desigualdades raciais por militantes negros em esferas estaduais e municipais, o que também colabora na construção do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2012, p.1).

Com a criação do SUS em 1990, firma-se a saúde como direito universal e dever do Estado a partir da 8ª Conferência Nacional de Saúde, com participação ativa de movimentos sociais. Entre esses movimentos, tem-se a participação importante do movimento de mulheres negras, exigindo maior visibilidade para as questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva, sobretudo a esterilização das mulheres negras brasileiras (BRASIL, 2013).

Em 1995, depois da Marcha Zumbi dos Palmares, criou-se o “Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra (GTI)” e o Subgrupo “Saúde no interior” do Ministério da Saúde, onde foram reivindicadas a inclusão do quesito cor nos dados de saúde e a implantação de uma política voltada para a doença de anemia falciforme, considerada mais prevalente na população negra (BRASIL, 2013). A partir de 1996, é então instituída a coleta do quesito cor nos dados de informações referentes à saúde, o que se permite a visualização das iniquidades sofridas pela população negra (FAUSTINO, 2012).

A reivindicação de uma abordagem voltada às questões de saúde da população negra são iniciativas de movimentos sociais, principalmente do movimento negro. Um novo olhar dentro da saúde, especificamente para a população negra, deixa evidente a desvalorização e injustiças que essa população sofre dentro do SUS.

Outro grande ganho, também resultado do movimento, segundo Brasil (2012), foi a criação da Secretaria Especial de Políticas de promoção a Igualdade Racial (Seppir) em 2003, que em conjunto com o Ministério da Saúde, começou a pensar na elaboração de uma agenda política voltada especificamente para a saúde da população negra e ações afirmativas no setor da saúde.

Em 2006, em meio a discussões sobre os novos caminhos do SUS, é consolidada a necessidade de uma Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN). Política essa que tem como objetivo o seguinte, *in verbis*:

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra define os princípios, a marca, os objetivos, as diretrizes, as estratégias e as responsabilidades de gestão, voltados para a melhoria das condições de saúde desse segmento da população. Inclui ações de cuidado, atenção, promoção à saúde e prevenção de doenças, bem como de gestão participativa, participação popular e controle social, produção de conhecimento, formação e educação permanente para trabalhadores de saúde, visando à promoção da equidade em saúde da população negra. (BRASIL, 2010)

Toda luta para o reconhecimento de particularidades nas necessidades de populações diferenciadas está diretamente relacionada com as diretrizes que regem o Sistema de Saúde brasileiro, especialmente a noção de “equidade”. Equidade como forma de garantia de igualdade na atenção a saúde, sem privilégios e preconceitos, onde todas e todos possam desfrutar dos recursos e serviços

disponibilizados de forma justa e levando em consideração a demanda individual. (Brasil 2009).

A saúde da população negra, enquanto campo de produção de conhecimento e saberes, atitudes, práticas e estratégias de gestão, é construído e aprimorado a partir da necessidade de compreender e intervir nos impactos do racismo sobre a saúde das pessoas, em particular de negras e negros, de confronta-los e supera-los como pressuposto para a consecução de uma sociedade efetivamente democrática, menos desigual e injusta. (LOPES, 2013).

A PNISPN é resultado da luta de organizações e movimentos sociais, especialmente os movimentos negros, que têm como objetivo o combate a discriminação racial e promoção a igualdade no SUS (BRASIL, 2010), deixando evidente a ideia de que existe diferenças entre as raças/cores e que há necessidade de um olhar atento também ao racismo presente dentro de instituições, que se manifestam através de práticas discriminatórias, colocando grupos raciais em desvantagens no acesso ao serviço, denominado por “racismo institucional”.

Nesse cenário de lutas dos movimentos sociais, destacam-se os movimentos feministas e os movimentos negros, todos com participações legítimas de mulheres negras que se dividiam em pautas de gênero e de raça. Na consciência de que não eram representadas pelo clássico movimento feminista, que pautava com prioridade a questão de gênero, universalizando mulheres e não reconhecendo diversidade e desigualdade entre elas, e ainda da necessidade de exigir a questão de gênero como elemento na agenda dos movimentos negros, resulta-se em processo de criação de organizações de mulheres negras (CARNEIRO, 2003).

Segundo Sueli Carneiro, o Movimento de Mulheres Negras como forma de afirmação política se dá pela junção das variáveis de gênero, raça e classe e é norteado por questões centrais como o mercado de trabalho, educação, saúde, representatividade nos meios de comunicação, cultura e outros (CARNEIRO, 2003).

Esse processo de conscientização e iniciação de um movimento protagonizado por mulheres negras acontece concomitantemente ao processo histórico do movimento negro, anteriormente desenhado. De acordo com Sônia dos Santos, é na década de 1970 que se iniciam as organizações dessas mulheres de forma autônoma aos movimentos feministas e negros. Ainda segundo a autora, um grande marco desse novo movimento acontece no Rio de Janeiro no ano de 1978

com a “Reunião de mulheres Negras Aquatume” (Reunima) e tem continuidade nas décadas seguintes até os anos de 2000.

Para além dessas reuniões, organizações e grupos de mulheres negras que surgiram em cada região do país ao longo dos anos, podemos citar aqui algumas como Grupo de Mulheres Negras Mãe Andresa- MA, Grupo de Mulheres do Alto das Pombas de Salvador - BA, Fala Mulher - RJ, Coletivo Mulheres Negras - MG, Crioula-RJ, Coletivo de Mulheres Negras do Distrito Federal-DF, Ialodê - Centro de Referência da Mulher Negra - BA, Mulher Kêto - Sociedade Lésbica Feminista- SP, entre tantas outras (SANTOS, 2009)

Entretanto, discorrer a luta de mulheres negras como movimento autônomo torna-se tarefa complexa, sendo esse um grupo invisibilizado na historiografia do país. Pouco se discute e pouco se produz sobre a influência e a contribuição dessas mulheres ao longo da construção da sociedade brasileira. Vale lembrar, ainda, das mulheres que se destacaram na luta contra a escravidão, também invisibilizadas em nossa história, símbolos de força, resistência e inspiração no embate para a conservação de seus povos e cultura, mulheres como Luisa Mahin, Chica da Silva, Aquatune e tantas outras.

II

MILITANCIA E CONDIÇÕES PSICOSSOCIAIS

Condições psicossociais são interações entre o sujeito e a sociedade e consiste em focalizar as dimensões ideais e simbólicas e os processos psicológicos e cognitivos que se articulam aos fundamentos materiais considerando o espaço de interação entre pessoas ou grupos (JODELET, 2001), o que irá interferir na subjetividade dos sujeitos, em especial as mulheres negras. Entendendo subjetividade como formas de viver que podem ser prescritas e proscritas; que podem ser tanto individuais quanto coletivas; homogêneas e aprisionadas; mas também podem ser singulares e experimentar novos territórios de existência. A subjetividade é algo modelado, produzido por processos coletivos, institucionais, sociais, que atravessam os indivíduos (ZAMORA, 2012), e seu cotidiano marcado pelo racismo.

Passados mais de 120 anos da Abolição da escravidão no Brasil, os efeitos de séculos de dominação, de povos brancos sobre o povo negro, ainda se mostram presentes entre negros e negras e os mantém até os dias atuais em piores índices de qualidade de vida. Marcas perversas, apesar da incansável tentativa de se sustentar a falsa imagem de um país que mantém a “democracia racial”, crença de que a mistura de raças no país determina uma convivência pacífica entre elas, além de oportunidades e tratamentos iguais. Conforme defende Flauzina, a liberdade não garantiu condições dignas de vida e a lógica da exploração escravagista encontrou muitas formas de continuidade: “não há o que discutir sobre nossa forma de lidar tanto com a escravidão como com o racismo: suavizamos a primeira e negamos o segundo” (FLAUZINA, 2008, p. 47).

Logo, ser negro em uma sociedade com ideologias, comportamentos e valores fundamentados na branquitude geram efeitos negativos e graves na condição psicossocial destes, uma vez que se entender enquanto negra e negro é tomar consciência das desigualdades e injustiças vivenciadas diariamente (Souza, 1983), que podem potencializar a ação para militância de um sujeito possível, com ressalva quando falamos de movimento de mulheres negras.

Os efeitos do racismo são diversos e é fator determinante da marginalização social, injustiças, humilhação e baixa autoestima de indivíduos negros. A invisibilidade de afrodescendentes ao longo da trajetória histórica do país, ou seja, o apagamento de contribuições, ações e criações de negros na história do Brasil é um fator que colabora para a falta de representação.

O mito da democracia racial atinge também o imaginário de negros, que passam a acreditar que são os únicos responsáveis por sua valorização social e que possuem direitos e oportunidades iguais as dos indivíduos brancos. A falsa ideia resulta na busca de valorização social e na constante pressão de se enquadrar nos padrões esperados, a conquista de espaços considerados importantes e ocupados por brancos se torna uma constante na destruição da identidade negra (SOUZA,1983).

Contrariando o movimento feminista que luta pelo direito de mulheres no mercado de trabalho, de acordo com Ângela Davis, 1981, ao longo da história, a proporção de mulheres negras que trabalharam fora de suas residências é indiscutivelmente maior que mulheres brancas. Sendo assim, o trabalho na vida dessas mulheres, como consequência da escravidão, ocupa grau elevado de importância e diferencia até mesmo as visões de feminilidade estereotipadas que negras não conseguiram alcançar. A feminilidade que na visão social é de mulheres com características específicas como sensíveis, dóceis, cuidadosas da casa e de seus maridos e maternais, não eram preenchidos por mulheres negras, que tinham o cotidiano marcado pelo trabalho no campo, desempenhando trabalhos braçais, assim como os homens negros e em espaços públicos e não privados (DAVIS, 1981).

Assim, em uma sociedade marcada pelo patriarcado, racismo e preconceito de classe, mulheres negras tendem a estar em uma posição marginalizada e ocupar o lugar de inferioridade social, pois podem carregar duas ou mais características subordináveis. Segundo Bell Hooks, a atuação conjunta do sexismo e racismo reforçam na sociedade a falsa ideia de que a mulher negra deve, principalmente, servir aos outros.

Partindo da reflexão de que a condição psicossocial de negros e negras no Brasil é norteadas a partir de vivências cotidianas com o racismo, podemos considerar que esse possui um papel importante na construção do negro enquanto

sujeito social e em sua identidade, ou seja, em sua forma de se enxergar no mundo.

Tornar-se ativista é assumir uma atuação infatigável cotidianamente contra o sistema racista e causador de desigualdades. Audre Lorde (1981) exemplifica isso quando nos diz que: *“Mulheres respondendo ao racismo significa mulheres respondendo à raiva; a raiva da exclusão do privilégio inquestionável, de distorções raciais, do silêncio, maltrato, estereótipo, defensividade, errar nomes, traição e cooptação”*.

III

METODOLOGIA

Tratando-se de um trabalho em ciências sociais da saúde, para a análise e compreensão do estudo, utilizarei uma abordagem qualitativa, que nos permite a aproximação com as vivências e subjetividades sem, necessariamente, nos proporcionar respostas objetivas, mas, sim, reflexões sobre os modos em que os contextos sociais constroem singularidades, em especial de mulheres negras militantes. Entendendo, ainda, que as vidas destas mulheres são marcadas por contextos sociais que as colocam em posições diferentes na sociedade. Para tornar ainda mais profunda a discussão sobre a problemática, o método adotado é o biográfico.

Método biográfico

Segundo Goldenberg (1997), o método biográfico nas ciências sociais nos consente uma profunda análise acerca das influências do contexto social e histórico sob as singularidades dos sujeitos que os vive. Para além das singularidades a biografia nos permite também analisar o universal, já que as histórias são construídas de acordo com tempos, lugares, culturas e influências diversas.

A construção das histórias das mulheres negras desse estudo nos permite entender as diversas formas de opressões vivenciadas por estas, sob perspectivas diferentes, já que cada mulher traz em si não somente suas singularidades e subjetividades, mas também condições sócias diversas já que se encontram em distintas idades, lugares, cotidianos, posições e vivências.

O método biográfico pode acrescentar a visão do lado subjetivo dos processos institucionais estudados, como as pessoas concretas experimentam estes processos e levantar questões sobre esta experiência de forma mais ampla.

A utilização do método biográfico em ciências sociais é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem (GOLDENBERG, 1997).

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas narrativas com mulheres negras e militantes do movimento negro que se dispuseram a discorrer sobre suas histórias e trajetórias de vida, mediante questões disparadoras, como por exemplo, *“conte sobre experiência no processo de se reconhecer negra e fale sobre sua vivência no que se refere a militância negra”*. Nesse sentido, esta pesquisa contou a duração de 5 meses, não tendo sido realizada em uma instituição pública, e as entrevistas feitas por meio de um questionário semiestruturado. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas com consentimento prévio das participantes que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Ao todo foram entrevistadas três mulheres que se identificam como negras e feministas, ativistas antirracista, com idades acima de dezoito anos, e que se diferenciavam entre si por idade, escolaridade, classe social e atuações na militância, tendo em comum a militância em espaços do Distrito Federal. As entrevistadas serão descritas e, para preservação do sigilo das informantes, não usaremos os nomes verdadeiros, que serão aqui substituídos por nomes de importantes mulheres negras na história do Brasil, como Luisa Mahin, Tereza de Benguela e Dandara dos Palmares.

Tereza, 47 anos, líder comunitária, moradora do Sol Nascente, região periférica do Distrito Federal com grande desigualdade social, militante da igualdade em acesso a saúde e educação para todos.

Luisa, 34 anos, jornalista, moradora do Plano Piloto, militante do movimento negro através de espaços acadêmicos e políticos.

Dandara, 22 anos, moradora de Ceilândia - DF e militante do movimento negro e feminista da periferia através da arte e cultura.

Os contatos de campo foram realizados através de articulações com grupos de mulheres dos quais participo ou tenho contato, como grupos de estudos de mulheres negras, movimentos culturais e projetos sociais. As entrevistas foram realizadas em

espaços públicos de escolha das próprias entrevistadas, como parques, restaurantes, shopping e posto de saúde.

Vale por último, devo ressaltar que o presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília da Faculdade de Saúde, conforme Parecer 38736414.0.0000.0030, razão pela qual todos os termos de consentimento foram devidamente assinados e arquivados.

IV

HISTÓRIAS E MILITÂNCIA

Esta pesquisa consiste nas narrativas de mulheres negras e o processo de reconhecimento de sua negritude, envolvendo suas trajetórias dentro da militância.

As histórias são contadas e servem de momento de reflexão para as participantes, que trazem lembranças de suas vivências enquanto mulheres negras.

Luisa

Nascida em Porto Velho - Rondônia, em 29 de Julho, dia de São Pedro ("Minha mãe disse que estava tendo vários fogos de artifício"), Luisa é jornalista formada pela Universidade de Brasília (UnB), classe média alta.

A mãe, mulher negra, natural do interior de Goiás, conheceu o pai, negro e Paraense, em Vila Nova, bairro de Goiânia onde ambos moravam e se casaram.

Eu nasci em Porto Velho, Rondônia. Uma cidade que eu só fiz nascer lá e vim pra cá, pra Goiânia, no caso, com 7 meses de idade. Minha mãe foi pra lá grávida por que meu pai foi trabalhar, e minha mãe tava grávida e foi com ele pra lá. Chegou lá também e começou a trabalhar. Minha mãe sempre foi trabalhadeira assim, mas tá aposentando agora. Minha mãe é contadora, aí arrumou um emprego lá e eu nasci lá, só que eles moravam aqui em Goiânia

e esse trabalho do meu pai acho que não deu muito certo e eles voltaram...

...Assim, tanto meu pai quanto minha mãe são negros de pele clara, assim como eu. Mas meu pai tem o cabelo bem crespo, assim meio Black Power. Diz a minha mãe que eles se conheceram nos anos 70, né? E naquela moda de Black Power, diz que quando meu pai chegou lá a primeira vez pra conhecer ela, ela diz que meu avô falou assim: "mas minha filha, ele só tem cabelo.."

Luisa cresce em meio à negação da negritude de seus familiares, que, segundo ela, eram lidos como brancos em alguns espaços.

Minha mãe é uma mulher negra também, do cabelo crespo, que faz escova toda semana. Todas as semanas!

Eu tenho só eu e meu irmão, mas ele é socialmente branco. Assim, apesar de eu considera-lo um homem negro. Ele é assim, um homem “negro branco”, digamos assim. Por exemplo, primeiro que ele não deixa o cabelo crescer, o cabelo dele é sempre baixinho. Então se ele deixasse o cabelo crescer ele teria o cabelo crespo. Segundo que a pele dele é mais branquinha mesmo, mas, por exemplo, nesse ambiente branco de classe média que a gente cresceu, os amigos dele são brancos. Mas são brancos, brancos mesmo (...)

Mas, apesar de ter crescido em um ambiente de classe média e socialmente embranquecido, sua infância e suas vivências nunca deixaram que se passasse despercebido a sua cor. E mesmo que durante a infância Luisa não tenha dado nome para os processos que vivia, ela sabia que algo que carregava consigo incomodava alguns. Segundo Zamora (2012), a criança negra vê e sente a desvalorização de seu corpo e a fundamentação de padrões estéticos que desprezam o seu tipo, reservando a ideia de beleza para o tipo branco.

Eu falava assim: “gente, por que as pessoas não me veem? Na minha família eu sou linda, todo mundo me acha linda. E aqui na escola, que tem umas meninas loirinhas, ninguém fala que sou linda?”. Ai eu meio que fui pro grupo das bonitas e eu além de linda era inteligente, né? E eu que dava cola pras bonitas, que eram burras.

Mas era uma coisa muito gritante, tinha hora que os meninos falavam das meninas. E eles sempre falavam delas e não falavam de mim. Mas aí eu meio que fui me acostumando, mas achando ruim. Achando só que eu tinha que sair daquele lugar: “eu tenho que sair daqui”.

É claro que eu não sabia como cuidar do meu cabelo, cuidar da pele e tal. Eu sempre vivia largada. Mas eu nunca achei que a culpa era minha. Eu achei que eles que não sabiam, assim, eram eles que não estavam vendo quanto eu sou bonita. Eu entendia que eu não era a paqueta, não era a Xuxa, porque não era loira. Ninguém me falou nada disso, mas eu entendia. Não sei, Já nasci entendendo. Tenho essa percepção. Mas assim, eu não tinha armas pra lutar. Eu não tinha o termo racismo. Eu não tinha a identidade negra e eu não tinha armas pra lutar contra. Eu entendia o que tava acontecendo e ficava triste.

No segundo grau, eu saía com as minhas amigas loiras os meninos sempre chegavam e falavam: “ai, queria conhecer sua amiga.” E eu ficava: “porque ela e não comigo?”. Se queria conhecer ela, falasse com ela.

Essa coisa de não ter par pra questão de festa junina.

Luisa é também vítima da experiência de ser negra em uma sociedade branca. Usa de sua inteligência para adentrar no grupo daquelas que eram vistas

como padrão de beleza e sentir-se valorizada. Ainda criança, Luisa é forçada a entender o significado das desigualdades raciais, pois, apesar de negra, o que era lhe lembrado constantemente, deveria seguir valores e comportamentos brancos para que fosse valorizada, desejada e elogiada, o que a fez perceber desde cedo que não pertencia a tais lugares.

eu tive um trauma no 2º grau também com homem negro, muito grave assim. Foi o seguinte, teve um professor que me ajudou bastante, assim ajudou e, tem muito isso, umas pessoas que ajudam e atrapalham ao mesmo tempo. Ele era ótimo, era professor sensação da escola, eu estudei nessa escola particular, que era tudo vestibular, aí tinha um professor assim, 28/29 anos, de História, e ele falava e ele escrevia conscientíssimo da questão racial, viajou pra África, eu lembro direitinho dessa aula “eu fiz uma redoma”. Mas, aí eu continuei na minha, eu também não era muito vaidosa, a gente meio que tem se arrumar mais. Ah! Arruma o cabelo, coloca uma calça jeans, põe a bermuda, praticamente tem que se enfeitar mais pra aparecer mais. Aí a gente se encontrou uma vez numa boate que gente ia, a gente ficou, eu era novinha tinha 16 anos e ele tinha 29 e ele meu professor. A gente ficou e ele me deixou na porta de casa, resumindo, a gente ficou lá e não sei o quê, foi a primeira vez que fiz sexo oral e depois nunca mais ele falou comigo, a gente se falou mais...

A gente se via na escola e nunca mais a gente se falou. Eu fiquei muito tímida. E o pior, tempos depois ele começou a namorar e ele exibia pra todo mundo uma menininha branca, de olho azul. E era ele que falava que tava se empoderando, depois eu vi que era babaca. Essa história realmente me marcou.

Nessa experiência contada, Luisa parece comprovar a si mesma a teoria que carregava em sua infância, a de que sua estética não era valorizada e preferida pelos homens em relações estáveis, nem mesmo por aqueles que também passavam pela experiência de ser negro. Expõe que pelo fato de ser negra exige um cuidado maior com sua aparência, o que a causa insegurança.

Eu lembro que assim que entrei nessa coisa de militância na UnB, foi onde eu descobri e peguei todas essas armas que eu não tinha. Eu me descobri como negra no meio da luta de racista. Porque foi na UNB, na época que tava sendo discutida, o pré- projeto de cotas quando a gente começou a falar de cotas da UNB, em 2001. Pensa no tanto de briga que me meti, que a gente era assim cinco pessoas contra 15 mil e 15 mil tiveram que abaixar a cabeça porque a gente revolucionou. Então a gente criou o enegreser, na verdade, porque eu era a única mulher negra do enegreser. Eu tenho muito orgulho disso, de ter criado o enegreser, isso me faz muito feliz, essa e outras sementinhas que eu plantei, mas enegreser é uma sementinha muito querida e muitos frutos, uma geração de estudantes negros e várias pessoas que eu conheço.

Eu acho que o enegreser do que eu conheço de movimento negro eu posso dizer foi o grupo de maior força aí, no começo século XXI de movimento negro no Brasil, ele que implementou essa coisa de cotas. A UnB foi a primeira federal e também foi uma coisa de baixo pra cima, o UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), que foi a primeira universidade, foi uma canetada do Governador e aqui não, foi uma coisa de mobilização, a gente fez fóruns e seminários.

O enegreser sempre foi formado por alunos, só que assim a formação inicial era eu, a única mulher negra, aí tinha o Re, Ra, J, W, I e A. E surgiu assim: estávamos no evento, um evento que teve na porta do Congresso de Antropologia, estávamos lá na porta e vieram uns seguranças e começaram a falar com a gente e a gente tava com os meninos aí falaram assim, “o que você estão fazendo aqui?” e respondemos “A gente veio pro congresso e tá aqui.”. E aí começaram meio que intimidar e já estávamos nessa onda de falar da questão racial, aí meio que saiu de lá puto e falamos “ah, vamos escrever uma carta, vamos denunciar”. Era uma festa, festa na UnB, uma festa extra universitária, só que a gente tava parado antes de entrar, não sei se tinha que pagar, essas coisas de festas, aí eles vieram tipo tirar satisfação, o que a gente tava fazendo ali, aí enfim, escrevemos a carta, entregamos nesse minhocão inteiro.

Isso foi em 2001, aí os estudantes ficaram loucos, que era proponente da antropologia e meio que a gente bagunçava todo o meio deles, sabe? Como que num congresso que se diz pela diversidade contrata uma empresa de segurança, que não respeita a diversidade. Aí chamaram a gente pra uma reunião, os professores e um monte de estudante e a gente lá, só que eles ficaram apaixonados pela a gente assim. Eles ficaram se desculpendo e a gente meio que tomou isso como uma postura política e resolvemos criar o grupo. Aí a gente criou o grupo com a ajuda do NEAPE, foi muito importante a ajuda do N, da P que era uma professora que tava fazendo uma disciplina com uma aluna lá de Módulo Optativo nas Artes Cênicas, ela era professora das Artes Cênicas, ela também deu um apoio e ela era Argentina e foi crescendo o enegreser e a gente foi se envolvendo e ele foi dando sentindo a nossa vida universitária assim, a gente foi fazendo os seminários.

Essa percepção de ser negra é o ensejo para tornar-se uma militante antirracista, uma vez que na infância problematiza que possui uma participação social restrita baseada em não pertencer ao padrão social branco. Porém, a possibilidade de se reconhecer enquanto negra e conquistar espaços que permitam o discurso sobre si mesmo só acontece no meio acadêmico. Segundo Bell Hooks, entrar na academia, principalmente para mulheres negras, é um espaço que gera possibilidades de transgredir. A militância, no caso de Luisa, vem como forma de libertação, como espaço onde era permitido se expressar, denunciar, e como forma de se impor e ser reconhecida.

Na época das cotas, as pessoas falavam assim..., eu particularmente nunca tive esse problema cognitivo de algo, eu nunca não consegui estudar por

causa disso, pelo contrário, como eu era muito boa aluna, tirava boas notas, eu meio que me colocava a partir disso, mas acho que a afetividade sempre pegou assim até hoje, de você não ser vista, não ter visibilidade, de não ser escolhida, de não ser notada. Acho que nesse período da vida, fica em algum lugar que de vez em quando dá umas gritadas ou só assoprando e tal. Essa coisa da Xuxa, da paqueta, se a Xuxa fosse a Sheron Meneses aí seria outra coisa, pensa. Eu acho que a afetividade, por isso a questão da saúde é importante, muito importante, eu sai de Goiânia pra vim pra Brasília por isso, porque eu me sentia sozinha, eu queria, eu até tinha amigos, mas era mais uma questão afetiva. Aí eu vim pra cá pra UnB, foi ótimo, aí eu fiquei linda e maravilhosa, me achei.

A participação na militância que Luisa encontra na Universidade passa então a ser não somente uma atmosfera favorável a sua liberdade de expressão, mas se torna também um lugar de pertencimento, onde se pode encontrar outros e emponderar-se, onde os sujeitos, segundo Tajfel (1982), devem ser motivados a procurar e manter uma identidade social positiva e essa identidade social positiva contribui para um sentimento de autoestima positiva.

Então eu namorei um deles, mas aí ele se perdeu. Eu acho que toda essa minha socialização, ela me afeta nos meus relacionamentos, me afetou com meus namorados, me afetou nesse último relacionamento que eu tive.

Porque assim, eu fico muito na dureza, eu sou dura, eu sou difícil, na minha armadura, sabe? Aí quando eu começo a gostar parece que só sei gostar sendo escrava eu fico muito em função da pessoa ou então pra terminar é muito difícil, essa coisa de terminar esse relacionamento...

Neste meu último relacionamento, porque assim, eu tava namorando outro cara aí quando fui terminar assim, é muito difícil, mesmo querendo, quando eu fui terminar com o Re eu tirei licença do trabalho. Agora com ele também, comecei a tomar antidepressivo, ah trabalho, sabe? Mesmo eu sabendo que eu tenho que fazer isso, eu não sei, acho que esse sentimento assim, acho que não mereço, acho que isso acontece com as pessoas brancas também, né? Seria ótimo se fosse só... Mas, não sei. Acho que é um pouco mais sofrido.

Outra vez traz em seu discurso a questão afetiva, que marca sua trajetória inclusive na militância. Os efeitos do racismo deixam marcado em Luisa, mesmo que inconscientemente, a construção negativa de sua auto-percepção, onde internaliza não ser merecedora de afetividade.

Teve esse episódio lá do meu trabalho, que eu queria te falar, que eu fui discriminada por ser eu acho da militância assim, não só por ser negra. O que acontece, entrou um cara lá e ele fez uma fala homofóbica. Ah! Foi na época daquele filme dos cowboys gays, aí ele falou "Ah, vai liberar o homossexualismo, daqui a pouco vai liberar a pedofilia". Tinha duas pessoas, uma cara gay e uma menina gay lá no meu trabalho, eles não falaram nada,

ele falou isso e “os negros são geneticamente inferiores”. Falou, falou isso, e eu parei de falar com ele, isso eu sei. Eu parei de falar com ele, realmente não lembro como foi minha reação na hora, tenho que resgatar porque essa história deu tanto problema pra mim, tanto e tanto.

Eu sou concursada do Ministério e lá eles contratam uma equipe terceirizada pra fazer o mesmo trabalho, mas ele era terceirizado. Isso vai fazer diferença daqui a pouco na história.. Aí ele falou isso, aí no dia seguinte tava tendo uma festa sobre terceirização, até essa coisa da precarização que tá em voga agora, olha aí não é a toa. Eu falei “o problema não é da terceirização não, se saísse um já tava bom”. Esse menino tava lá longe e escutou e veio pra mim super assim, começou a gritar comigo loucamente, descontrolado. Isso eu lembro da minha atitude, eu fiquei quieta “você vai continuar falando isso, você tá no Ministério Público, eu vou acionar, você não pode falar comigo desse jeito”. É, veio de uma forma agressiva, quem eu achava que era pra falar isso e aí eu acabei saindo de lá, eu fiquei muito sentida e todo mundo ficou estatelado. Era uma agressividade muito acima do normal num ambiente de trabalho. Aí sim eu saí, chorei, desabei.

Aí eu mudei de turno, falei com minha chefe pra eu mudar de turno, só que minha chefe, “ai ,meu deus!”. É muito difícil mesmo a questão social, ela é uma mulher negra, mas não era consciente, pelo contrário, engajada na consciência de branco, ela falava assim “eu falo com meu filho, casa com uma loira, porque você vai lá pra Europa e vão te tratar melhor”. Desse jeito, deliberadamente, essa era minha chefe. Aí ela “Ai, se você trabalhasse na redação...”. Aí eu “olha isso não condiz com o trabalho, na nossa forma de trabalho, não condiz com a urbanidade, que tá prevista em lei na 8.112, a lei que eu estou vinculada”, aí ela “ele disse que vai pedir desculpa pra você” aí falei assim “ele me ofendeu em público, então ele vai me pedir desculpa em público”, aí ela “Ah não, aí você já tá exagerando, você quer desculpa em público”, aí eu “ele vai me pedir desculpa? Em público?”, ela “não, aí não”, eu “Ah, então não quero”, então vou mudar de turno pra não ter que encontrar com ele. Até que um dia ele me ligou me pedindo desculpa, “tá, tá tá”, aí eu nem aceitei nem não aceitei, meio que uma coisa de desconversa, meio no estilo de jeitinho brasileiro, aí tava tudo bem até que minha chefe saiu, entrou outra, aí a gente fez greve. Aí teve a greve, tava na separação e nessa volta de viagem, um pouco abalada, mas tocando a vida, aí de repente uma menina ia tirar férias e quando alguém tira férias, vem uma pessoa substituir, aí ele ia substituir a menina e fui falar com a chefe do momento “aconteceu isso e isso e eu não me sinto confortável”, aí ela “eu vou conversar com outras pessoas pra saber o que realmente aconteceu”, e eu “aconteceu isso, eu to te falando o que aconteceu”, ela “ah, mas eu vou ver” e ela foi falar justamente com meu amigo que é gay que justamente ouviu aquilo “que se aprovasse o homossexualismo, daqui a pouco ia ser a pedofilia”. E assim, ele era meu amigo, foi ele que me ajudou daquela vez que eu sai chorando, aí ela foi lá nele e ele disse “ah já tem tempo, não lembro não”, é já tinha um tempinho, mas ele podia ter lembrado isso, ele falou que não lembro e ainda elogiou ele, aí o que minha chefe ia fazer? Ia contratar ele, aí o que ela fez? Pediu pra eu sair, ainda bem que eu trabalho no serviço público, pediu pra eu sair pra ir pra outro lugar, aí mudei de lugar, aí eu fiquei uns 3 meses. Eu não consegui, eu realmente fiquei muito abalada com isso que aconteceu quando eu tirei licença médica, esse estresse do meu trabalho que me impossibilitou de trabalhar, assim eu não ter aceitado uma pessoa falar que os negros são geneticamente inferiores me fez perder meu emprego, isso dificultou muito a

minha vida, mesmo eu trabalhando agora em outra Secretaria eu ainda não dialogo com a eles até hoje, então assim, isso dificultou muito.

Ninguém me apoiou, pelo contrário, a outra menina gay, eu falei “olha, o que ele falou de vocês”, ela, “você tem que buscar ajuda”, então eu tô aqui buscando ajuda, tô aqui com você e assim eram pessoas que eu considerava muito, porque assim já tinha 5 anos que a gente trabalhava juntos. Então assim, isso faz diferença, se eu não fosse militante (...)

Os efeitos do racismo afetam também a vida ocupacional de Luisa, e agora empoderada de sua identidade negra, entende e procura apoio, não se deixando silenciar.

Então, acho que ser militante me ajudou muito, me deu muito sentido, fez muita diferença na minha vida, eu fiz meu TCC também na questão social. Então a questão racial tem dado muito sentido pra minha vida, na minha trajetória acadêmica e profissional e de vida mesmo, uma missão de vida tornar o mundo menos racista, mas ao mesmo tempo me gera muitos problemas esse é um deles que me afeta diretamente, então é complicado, na época eu ia na delegacia pra denunciar, mas como eu tava fragilizada com a separação, minha mãe “Ah, deixa pra lá, você tá sozinha aí”, aí acabei não fazendo nem administrativamente, foi muito difícil, super confusão.

Fazem quatro anos. Eu me arrependo de não ter denunciado. Naquela época eu não tinha condição, eu precisava de apoio nisso, eu não tava na militância, eu tava só na militância pessoal, que tá dentro de mim, que eu faço o tempo inteiro, mas eu não tava vinculada a nenhum grupo, nem formalmente, nem informalmente, pessoas negras que fui trocando, que tava militando, a pessoa negra que eu tava trocando eu tava me separando, então assim, eu tava muito sem chão e a gente meio que se fechou muito na gente mesmo por questões nossas. Então se eu tivesse o apoio de outra pessoa, se eu tivesse buscado também mesmo apoio de amigos e amigas negras, do movimento, uma advogada negra, ou sei lá, mas eu realmente não busquei nada, não consegui, tem hora que a gente não consegue buscar ajuda e a ajuda tem que vir até você, né? Então no momento eu não consegui, não sei se agora, se prescreve ou se não, quando você falou eu fiquei com muita vontade de fazer um registro, como eu não fiz a denúncia, eu queria que tivesse registrado em algum lugar, não do que vai servir, mas queria que meio que vai ficar registrado no seu TCC, porque pra mim foi duro (...)

A condição de militante que Luisa traz tem significado particular, qual seja, é usada como estratégia para lidar com situações de discriminação. É na militância que ela se sente capaz e adquire força para continuar em sua luta diária. Torna-se um espaço onde encontra proteção e cuidado, o que lhe fora negado em tantos outros espaços sociais.

Dandara

Dandara tem 22 anos, possui ensino médio completo, é filha de empregada doméstica e nasceu em Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal, que, segundo dados da última Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio- PNAD realizada em 2013, apresenta a população com maioria do sexo feminino (51,78%) e negra (59,19%).

Minha luta começou desde que comecei a ver o que era, mas a consciência veio depois de conhecer o que é racismo, mas a luta vem de antes, na verdade, acho que essa é a palavra, porque sempre fui muito ativista, sempre fui muito, nunca me deixei abalar com muita coisa. Mesmo sabendo das minhas raízes, minha mãe sempre foi negra e empregada doméstica, sempre negou isso pra ela, sempre alisou o cabelo, sempre tentou não pegar muito sol pra não escurecer muito a pele, tentou se manter em casa para ir clareando mais a pele e a pele dela realmente foi clareando. Eu tenho duas fotos da minha mãe que não parece a mesma pessoa assim mesmo, muito negra quando morava no Rio e agora ela tá bem mais clara, ela não é branca, mas está bem mais clara e esse processo ela passou de geração em geração, mas sempre fui muito ativista sobre isso. Eu nunca gostei que ela alisasse o meu cabelo crespo cacheado e eu sempre tive meus penteados, sempre tive esse emponderamento, mas eu não sabia que isso era uma forma de racismo, de opressão.

Segundo Eliana Oliveira (INSTITUTO AMMA PSIQUE e NEGRITUDE, 2008), o espaço familiar tem papel importante na construção ou desconstrução da imagem negativa de negritude, sendo esse um ambiente para fortalecimento da autodefesa, ou não, pois é através da família que a criança inicia o processo de formação de autoconceito. Dandara cresce com a mãe, que apesar de negra, não se reconhece dessa forma, e carrega consigo a ideia depreciada de negritude e a tentativa de embranquecimento.

Meu padrasto, eu tenho um padrasto, que eu sempre sofri muito também apanhando, meu padrasto, ele é branco, a família dele também nunca gostou de pessoas negras e ele sempre teve essa opressão. Só que minha mãe se negava ser negra, mas não tinha tanta opressão como ele, o que ela fazia, não falava “ah, que o negro...”. Ela me batia quando eu a respondia ou não fazia o dever de casa, sempre apanhei muito por essas razões, mas teve uma vez que meu padrasto falou pra ela assim “pessoas que são assim são porque ainda não levaram uma lição certa na vida, então quando você for bater na Marina, você bate e fala o porquê, a cada cintada você vai falar o porquê ela está apanhando”, já uma opressão dele, porque a vontade dele era tanta de ele querer me punir de qualquer forma por eu ser uma ativista ou por eu ser negra que isso revoltava ele, porque ele não tinha nenhum motivo que minha mãe tivesse tanto ódio de mim, entendeu? Aí ele deu essa ideia a ela e uma vez ela seguiu isso. Ela chegou de uma reunião minha do colégio e eu não tinha boas notas e ela falou assim “você vai pro quarto e tira a roupa”, aí eu tirei a roupa, aí quando eu tirei a roupa, aí ela falou assim “agora você vai apanhar que nem seu pai falou”. Ela fazia questão de falar que ele era meu pai, porém, sei lá, que ele que me sustentava, me criava e que eu tinha que seguir o respeito dele se ele falasse que era certo, sei lá, se falar que eu tinha que pentear o cabelo, eu tinha que pentear e era isso aí “você vai apanhar por causa disso, disso e disso que nem seu pai falou” e isso aconteceu de fato, eu tirei a roupa e ela me bateu, isso eu perpetuei por

muitos anos, cheguei a conversar com minha mãe, graças a Deus tudo está resolvido, mas foi uma opressão também que eu vivi.

Ao mencionar a cor branca de seu padrasto em seu relato do que considera uma violência física na infância, Dandara nos passa a ideia do incômodo que sentia em ser disciplinada por valores e comportamentos brancos, que segundo ela, influenciavam as atitudes da mãe.

Até mesmo no colégio também, teve alguns fatos que aconteceram que me deixou um pouco... Desde criança que eu tenho consciência, mas que eu guardei aquilo ali pra mim. Foi uma vez que eu fui com o cabelo, eu cortei o cabelo porque minha mãe falava que pra cabelo grande, pra cabelo afro tinha mais atração a piolho e a essas coisas, aí ela sentou a tesoura no meu cabelo e quando ela fez isso eu fui pro colégio assim, porque eu tinha a mania de ir com a roupa do governo e com o cabelo mais curto eu fiquei parecendo um rapaz, aí quando eu cheguei no banheiro, uma moça olhou pra mim, tava limpando, aí falou “ei, ei, ei onde você acha que você vai? Aí falei: no banheiro. E ela “mas, o banheiro dos meninos é desse lado, você não pode entrar aí não. Aí eu: ops, mas eu sou menina, eu acho que ainda sou menina e assim eu entendi que aquilo ali, acho que foi neste momento que eu entendi o que era opressão, de verdade, aí eu fui atrás porque ela achou que eu era um menino, eu não tinha entendido e ela falou que eu tinha o cabelo curto ou então, sei lá, porque meu cabelo era mais assim crespo, e sempre tive intimidade com pessoas que eram mais negras de tom de pele, pra saber porque eu também me identificava tanto com essas pessoas, aí eu fui entendendo o que eu sou de verdade, de onde vem minha história, de onde eu vim.

É possível perceber nas duas histórias a escola como um ambiente perverso. O relato de Dandara nos ilustra a afirmação de Bell Hooks de que a escola pode ser um terrível espaço que colabora para o enfraquecimento da autoestima negra e o desencorajamento ainda na infância. Uma vez que a reprodução do racismo neste ambiente perpassa diversas áreas, tornando esse mais um espaço de exclusão e de sensação de não pertencimento.

Porque eu fui noiva aos 16 anos, justamente pra tentar me encaixar mais uma vez na sociedade, porque já que eu era da igreja, eu tinha que me encaixar de alguma forma, na igreja, não afirmando que é só uma cultura religiosa, não é essa a cultura religiosa, mas de minha pessoa eu queria tá incluída no meio da galera da igreja e a maioria casava muito cedo, então com 16 anos eu fui noiva de um rapaz e tem um projeto na igreja que se chama “eu escolhi esperar”. E eu seguia rigorosamente isso e “eu escolhi esperar” que seria o ato sexual só depois do casamento e eu seguia à risca esse projeto, só que teve um tempo com 17 anos mais ou menos, que por curiosidades da vida eu cheguei a ficar com uma garota e foi outro processo muito dificultoso, até mais que meu emponderamento negro foi me assumir como ser homossexual, porque eu tava noiva, eu tinha um projeto de vida já formado com 16 anos, olha que loucura, e eu me vi em outra situação “não foi isso que eu projetei pra mim, o que que tá acontecendo comigo? O que eu to sentindo

por essa pessoa? E foi muito forte, muito dolorido e persistente assim e eu não sabia o que fazer. Até que uma vez eu falei “se eu não aceitar quem eu sou, eu vou acabar sendo de novo mais um fantoche de uma sistema hipócrita, então se é isso que sou, é isso que vou ser” e aí me assumi de vez como lésbica, me assumi pra minha mãe, pra minha família, eu tive essa necessidade mesmo de falar com a família, não pra me amostrar ou pra aceitação, não foi esse o meu intuito de assumir e pra minha família quem eu sou mesmo e de saber quem eu sou e não procurei aceitação, “ah tudo bem, eu aceito você”. “Eu quero que você saiba quem eu sou e se aceita ou não, é um critério seu”. E foi isso que eu falei pra minha família e pra minha sorte, pra minha surpresa, me aceitaram muito bem, minha mãe me anunciou no mercado. Minha mãe gostou muito, eu cheguei a ter um relacionamento muito sério com uma menina, minha ex companheira, minha mãe se apaixonou por ela, graças a Deus, não chegou a ser muito tempo, longa data, mas eu achei muito bacana isso, hoje a gente sai, eu, minha mãe, minhas companheiras, a gente pega um cinema, a gente sai pro shopping, sem problema. E esse lance é uma coisa muito assim pesado no ramo trabalhista, “porque já não basta você ser mulher, você ser emponderada negra, você ainda é lésbica, como assim?” Já não bastava tudo isso, ainda tem que ser lésbica e isso o mercado vê, ainda mais um mercado comercializado. Se eu entro no shopping procurar um emprego, eu tenho que ocupar algumas coisas dentro de mim, a forma de andar, às vezes, eu tenho que rebolar um pouquinho mais, ou então meu cabelo tinha que está sempre prendendo, isso antes, não agora. E isso me machucava um pouquinho.

Dandara primeiro se reconhece como pessoa negra, uma vez que essa identidade é compreendida ainda criança através de experiências de discriminação e a percepção de ser diferente. A identidade lésbica é afluída e assumida anos depois e, assim como na “descoberta” de sua negritude, precisa criar também estratégias de enfrentamento de mais uma opressão. Definida por conjuntos marcadores sociais (mulher, negra, pobre e lésbica), Dandara se vê em um lugar dificultado para o alcance de ascensão social e cultural.

Eu já tive uma experiência de me relacionar com uma mulher muito branca, não tô falando de pele, ela era muito pensamento branco e por mais que sentimento é uma coisa que a gente ainda não consegue entender, “como é que é esse lance do amor? Como funciona? Qual a parte que o amor funciona de verdade?”. Isso é uma pergunta que eu me questiono até hoje, porque pessoas que não tem nada a ver com você, pessoas que não tem o mesmo histórico que o seu, ou então que não buscam uma realização igual a sua, porque aquelas histórias se encaixaram e a gente se pergunta “será que o universo que quer que a gente se altere de alguma coisa ou não, que a gente seja alterado em alguma coisa?”. E isso me bateu muito fortemente, porque o meu segundo relacionamento bem sério foi com essa mulher branca, eu bati muito isso na minha cabeça e eu não entendia e eu procuro me relacionar com mulheres negras, de verdade, tem os questionamentos que a galera fala... eu já sofri uma repressão, acho até legal contar essa experiência, uma repressão num circo, porque eu entrei no circo com minha ex-namorada e ela tem um filho e o filho dela é branco, ela também é branca de cabelo liso, loira e sendo quem eu sou, e entrei

no circo, aí uma moça que estava do lado, olha “que legal, é seu filho?” perguntou pra minha namorada, aí ela “sim”, aí ela “ah, muito legal e ela é sua o quê?”, “ela é minha namorada”, “ela é o que? Sua namorada?”. Aí ela deu uma risadinha assim, “ela, é!”. Aí eu falei “olha, eu vou sair com o Miguel porque eu não to gostando muito do papo”. Aí eu peguei o Miguel no colo e sai, aí ela “você vai deixar que ela leve seu filho?”. Não tava entendendo o que ela tava querendo dizer, isso foi uma coisa que machucou, mas entendível porque é um branco e é um negro, e é uma outra história, outra vivência, uma outra cadência e não pra mim isso não encaixa, isso não cabe na minha cabeça, não entra, como se fosse dois seres assim separados e hoje eu tenho essa preferência mesmo porque e na vida a gente procura quem segue os mesmos caminhos que os nossos ou então que tem os mesmos ideias que os nossos e o meu hoje é lutar e ser ativista, dá voz ao povo pobre, dá voz ao povo preto e eu quero alguém do meu lado que também tenha esse ideal porque não tem nada a ver alguém que tá do seu lado dizendo “realmente, uma mulher negra não tem que tá no circo andando com meu filho”, não quero isso pra minha vida, quero alguém que tenha sua posição no universo

Assim como para Luisa, Dandara também problematiza as relações (inter)raciais e acredita na relação com pessoas brancas como mais um lugar de opressão e insegurança. Para ela, relacionar-se com negras é também uma forma de “empoderamento” e a escolha afetiva é resignificada à medida em que não reconhece sua subjetividade e vivência negra no outro.

Aí já veio mais forte a forma de ser ativista nessas lutas, assim, e o auge pra mim que foi o ápice da coisa, foi quando eu conheci uma amiga, hoje uma grande amiga, Dani. E ela é muito ativista nessa área de luta mesmo, contra a opressão, de emponderamento negro e eu comecei a pensar muito com ela, o que é isso, o que é se emponderar, o que é realmente pegar meu cabelo e fazer um penteado negro, porque eu gosto dele assim, l não porque o Estado não gosta, mas que eu gosto dele assim, porque o frio na nuca é gostoso e eu acho bonito, eu posso me olhar hoje no espelho e falar como é legal ter o meu cabelo, por mais que você tenha desde criança essa identidade, ter cabelo crespo ou cabelo cacheado, é legal, mas ainda assim você tenta passar um creminho para abaixar o volume ou você tenta amenizar a situação. Hoje não. Hoje eu não preciso de um creme, não preciso pentear meu cabelo, eu sei que ele é bonito do jeito que ele é, de verdade, eu sei que meu nariz é bonito porque ele é rechunchudo e eu gosto dele assim, eu gosto dos meus lábios porque eles são carnudos, não são lábios finos, entendeu? E eu gosto de mim hoje por causa disso, porque eu posso entender, eu posso me colocar no Estado e que situação eu me encontro no Estado, é assim, e mais ou menos é isso minha história de vida, cada dia a gente tenta se emponderar mais afeta muito a saúde sim, porque quanto mais persistente você tá no assunto mais questionamento existem, quando a gente tem todas as perguntas, mudam-se todas as respostas, e todas as respostas mudam-se todas as perguntas e vice-versa, então

quando eu comecei a ser mais ativista, bem dentro da minha casa mesmo, as pessoas começaram a ser mais ativistas também.

A criação em padrões brancos e a sensação de não pertencimento ao lugar que lhe foi dado são disparadores para que se veja como ativista da luta antirracista. Assim como para Luisa, Dandara encara a militância como um espaço que promove a convivência com outros que considera iguais, os negros e negras, sendo essa convivência importante para a elevação de sua autoestima.

Meu irmão tem o cabelo igual o meu e agora ele deixa o cabelo dele crescer, porque ele sabe que é uma identidade dele. O cabelo dele é mais cacheado que o meu por causa que ele é filho do meu padrasto e meu padrasto é branco de cabelo liso, mas ele ainda tem o cabelo cacheado, não é tão crespo quanto o meu, mas ele tem o cabelo cacheado e deixa o cabelo crescer, é o processo lógico até você chegar e falar “olha é assim que funciona e tal”, sempre tem que gostar do jeito que é porque isso vem de uma autoestima também, porque quando você tem uma coisa que você não consegue ser, isso vai te depreciando, “porque eu não consigo ser? O certo não é ser assim? Porque eu não to conseguindo ser assim?” isso vai te depreciando, quando você se coloca, você se acha no Estado, na comunidade, no social, você entende quem você é, aí a coisa começa a fluir, a saúde seria prejudicial por isso, porque você tem que estar explicando, você tem que ser incisiva na hora de tentar questionar, você tem que ter pontos de afirmação muito concretizados para tentar convencer alguém, agora quando você tá mais emponderada assim, você fica mais feliz por você saber onde está se colocando.

Se reconhecer enquanto negra, tornar-se ativista e militar na luta antirracista, além de favorecer uma construção positiva de sua autoimagem, estimula Dandara a compartilhar e produzir efeito sobre outros.

Isso. De proteção, isso. Saber quem eu sou de verdade, de me emponderar, se colocar porque é difícil, você recebe muita paulada na cara, os preconceituosos não chegam pra você e falam assim “olha, eu sou preconceituoso e eu não gosto de negro”, eles agem no sigilo, eles agem no silêncio, nas entrelinhas, às vezes as pessoas não sabem que são tão preconceituosas e isso acontece muito. Tenho amigos de muitos anos, pessoas que eu gosto muito, mas são realmente muito preconceituosas e que não sabem que são ou às vezes sabem e tentam ocultar aquilo de alguma forma, por exemplo, quando existe aquela “o moreno, moreninha, você tem cabelo ruim”, são expressões que passa despercebido a quem fala, mas o que escuta tem um significado muito forte, é isso que pega na raiz do problema, não me chama de morena não, pode me chamar de negra, cabelo crespo não é ruim porque o meu não é igual o seu, porque o meu é bom e não deixa de ser bom, entendeu? E se você deixar de alisar o seu, o seu também é crespo, então acho que são os nomes dados aos bois que mudam toda a história.

Milito desde quando eu comecei a participar de um projeto, do jovem de expressão, na ceilândia. Não sei se você já ouviu falar. E aí, lá é um espaço aberto pra jovem, mas tinha muita galera ativista, galera feminista e a galera que era negra. Foi uma galera que também identifiquei ali no meio, falei assim: a partir de qual ponto eu posso me considerar uma mulher negra? Aí uma das meninas, que hoje também é uma das minhas amigas, “a partir do momento que você se identificar assim, você se reconhece quando se olha no espelho, você se vê uma mulher branca ou uma mulher negra?”, aí eu comecei nas nossas filosofias de vida em casa, eu não sou uma mulher branca por mais que eu tente, passei uma vida tentando ser uma mulher branca, mas eu não sou uma mulher branca e o que acontece com isso? Porque a partir do momento que você fala assim, eu sou negra, é um processo muito grande até você se auto afirmar à sociedade porque uma coisa é você falar você “sou negra”, outra coisa é avisar pra sociedade que você é negra e como fazer isso? Avisar pra sociedade, ele não tem nada a ver com isso, é realmente assim. Com minha vestimenta, porque o negro tem uma forma de se vestir também, por causa da identidade, por causa da sua história, de se emponderar. Os turbantes são também uma forma de se identificar o negro na sociedade, modelo afro. Até mesmo a maquiagem do negro é bem diferente da maquiagem do branco e foi aí que eu fui me identificando, mas foi quando eu entrei pros Jovens, nos movimentos feministas, comecei a ir mais pro sarau e fui me identificando, mas foi um processo assim longo, mas também não muito curto, aí foi indo e até hoje acho que eu me identifico ainda, aí que é legal, eu sou negra assim, ah quero fazer isso aqui, acho que cabe comigo e eu estou muito mais encaixada, eu acho que é essa a palavra, mais encaixada. Depois que eu descobri que meu cabelo assim é muito mais bonito, que meu olho preto é bonito, que meu nariz de conchinha é lindo, que meus dentes separados, é uma coisa muito engraçada, porque tem um lance cultural, também do índio, do negro, assim do dente separado, aí eu: gente, como é que as coisas estavam tão na minha cara e eu não me via assim”.

E depois de entrar nesses movimentos culturais e me ver bonita do jeito que eu sou, que eu comecei a entender o que é ser negro e gostar do que vi fora de mim e gostei do que eu sou.

Encontrar na militância o resgate da autovalorização de características negras, torna-se forma de enfrentar as violências vividas diariamente através da reprodução do racismo. Violência essa que atinge sua identidade, seu povo negro e também seu corpo.

É, nas artes eu comecei desde a época da igreja, quando era noiva eu já atuava, eu fiz um tempo no colégio, mas quando foi pra mim fazer a universidade, não deu pra fazer a universidade porque eu tinha alguns outros projetos, do qual eu não me recordo agora, aí passou o vestibular da Unb que eu não lembro qual que é. Já conhecia, porque como eu gostava muito da universidade eu sempre tava lá, mas eu não fiz nenhuma graduação, eu fiz amigos, eu fiz contatos, eu tava

sempre envolvida no mundo das artes, eu fiz alguns espetáculos que foram muito pesados, fiz espetáculos engraçados, enfim, ganhei alguns méritos de melhor teatro, melhor espetáculo e isso há muito tempo atrás, acho que tinha 18 anos, que foi eu ganhei um de melhor atriz, foi na data do meu aniversário, dia 10 de novembro. A gente apresentou um espetáculo no CCBB, que se chamava “teatro da mochila, teatro na escola”, acho que é esse o nome, aí a gente participou três anos seguidos assim, porque o projeto foi muito legal, eles aprovaram, aí a gente saiu apresentando e foi muito bom, uma época de aula na minha vida e quando uni a escova de dente com outra pessoa, outra mina, aí eu parei um pouco de atuar, passei um bom tempo sem atuar, passei uns 3 anos sem atuar. Aí segui outro rumo da minha vida que eu falo que foi um momento de declive assim, que eu tive que trabalhar pro mercado tradicional, pro comércio, aí tive que realmente fazer coque no cabelo, passar uma maquiagenzinha, porque tinha que sustentar uma casa, que tava punk e me considero até mais madura porque quando a gente é mais jovem “vou fazer o que eu quero fazer, o que tá na minha cabeça”, e é isso, é o momento que a gente não pensa lá na frente, tanto que isso afeta hoje porque quando você se empondera, você dá poder a outra pessoa também, quando você se mostra ativista, se mostra negra, se mostra homossexual e você tem uma voz perante isso, a pessoa que não tem voz, ela tem ouvido e tem olhos, e ela tá te ouvindo, e ela tá te escutando e ela tá te vendo e ela sabe que ela não tá só, ela sabe que tem ali que tem as mesmas lutas dela e isso é muito legal, só que quando você tem essa vontade, mas você se cala, a outra pessoa que tá do seu lado também vai se calar, ela não ter essa referência, então isso não foi prejudicial só a mim, foi prejudicial a uma série de pessoas, inclusive familiares. Alguns primos que se escondiam por também serem negros ou serem homossexuais e ficavam ali se martirizando com aquele sentimento, quando eu comecei a me emponderar mais e mais e mais eles também começaram a se emponderar e eu fico muito feliz, tive o prazer de um tempo atrás, uns dois ou três meses atrás, um dos meus primos chegar e falar que ele decidiu se assumir pra família dele porque eu dei forças pra ele a isso e isso é muito legal. Você tá no mundo por você tá é uma coisa, outra coisa é você tá no mundo e interferir no mundo de alguém, isso é muito legal, eu me sinto muito agradecida por ser ativista, eu me sinto muito agradecida por me identificar, por ser quem eu sou, agradeço aos meus amigos que me ajudaram, também agradeço ao universo, porque tudo conspira até quem tava contra me fortaleceu pra eu ser uma ativista.

Dandara passa por processo de desconstrução da supremacia branca, que por muito tempo moldou seus caminhos e valores, e usa disso para compartilhar com aqueles com quem se identifica e divide de experiências semelhantes em questões de gênero, raça e sexualidade o sentimento de pertencimento e de autoafirmação, os quais Dandara considera importantes para reparar danos ocasionados pelo racismo, sexismo e homofobia.

Então, eu tenho um projeto que agora eu to tentando, é um projeto que já existia, mas tinha parado, tinha dado uma cessada e eu to voltando com ele agora, é um projeto que chama “projeto identifique”, é um espaço cultural, no centro da Ceilândia que reúne todos os projetos de identificação que são as PLP, promotoras legais populares, que eu pretendo, não tem nenhum contrato, pra estarem juntos num só lugar, num só ambiente, porque? Porque existem muitos movimentos culturais e feministas na Ceilândia que são muito bacanas, muito legais, periféricos, eles são fantásticos, mas que não se encontram, por exemplo, eu conheci esses projetos totalmente distintos, de pessoas distintas, mas tem muito a ver os projetos, esses PLP's por exemplo, promotoras legais populares, se formou um grupo dentro dele, chamado AS MARIAS PERIFAS que são as meninas lá da Ceilândia só que tem um outro grupo feminista na Ceilândia que nem sabiam que existia, que são movimento feminista da capoeira da Ceilândia, e que são muito parecidos os projetos, então eu quero reunir essa galera, eu to com esse projeto agora que eu to vendo um meio e tal pra TERRACAP, ver se eu consigo um terreno e juntar com a galera do RUAS, que é dos JOVENS DE EXPRESSÃO, as PLP's, os movimentos de capoeira, a galera do teatro e tudo num só lugar pra a gente poder se identificar também. Hoje minha luta maior é nesse projeto identifique. isso, todo o tipo de galera, mas que tenha razão social única que é se identificar mesmo tanto contra o negro, tanto contra o homossexual, como ativista ou então mais um pouco.

é, tem os saraus que acontecem também, que é uma ótima, pra galera que tem poesia, que canta, que faz, que é um microfone aberto, que eu acho muito legal essa ideia dos saraus, mas sarau é um evento particular, que é um espaço aberto 24 horas que funcione pra todo mundo, sendo bem social, democrático também.

Tá. É na Ceilândia porque também é um lance de periferia, sou negra, sou periférica.

Porque a gente tem essa referência, a mídia tem essa referência, o social tem essa referência, se você é preta é porque você é pobre, não tem um porque isso, até a televisão, a mídia, tudo, você é preta porque você é pobre, tem essa união, a favela é muito regida pelo preto, aí vem o preconceito do branco porque ele a periferia é ruim porque ela é movida pelo preto, porque se a periferia fosse movida pelo branco ela não seria periferia, entendeu, essa associação que a favela faz, que o branco faz, porque a periferia é onde acontece os maiores movimentos culturais do país, é periferia

Culturais. São de lá que sai as pessoas que tem revolta porque conhecem o que é ruim, que tem a revolta ou que identifica ou que então fala não é porque sou preta, não é porque sou favelada, que eu sou periferia, que eu sou mulher tão intelectual tanto, eu não sou uma mulher tão interessante como uma branca. Tem umas novelas, vamos ser um pouquinho chatas, falar disso é um assunto meio clichê, mas a novela sempre mostra o preto falando errado ou o favelado falando errado, porque eu sou periférica, favelada, eu falo errado? Por quê? Ou então o papel do empregado é sempre do negro. Por quê?

É, pois é. E isso me questiona muito, sou preta, sou periférica, tenho os ideais na minha vida, tenho propósitos, tenho projetos e é isso e a

educação também existe na periferia, a educação acontece até mais na periferia do que numa situação de luxo, nos altos muros que a gente chama, que são os altos sociais que a galera tem uma educação totalmente diferente da nossa e é uma educação regida ao militarismo mesmo, você tem que ter o cabelinho cortado, eu nunca tive, ultimamente eu falei com umas amigas que estudaram no colégio militar e elas me falaram, me explicando como era estudar num colégio militar e, você não pode ter voz, você tem que seguir um social, é exatamente a regra deles, você não pode ter opinião formada, você tem que seguir o que os outros impõem pra você e é uma educação totalmente diferente da educação periférica.

As pessoas tem muita voz porque, porque existe um questionamento, o professor entra na sala de aula e ele não pode chegar lá querendo falar que nem um branco porque a gente não vai entender o que ele tá querendo falar, ele falando como um periférico ou como um negro ou então a gente coloca gíria, gíria não, dialeto, acho que esse é o termo mais correto, nosso dialeto é diferente do dialeto do branco por ele entender entrar na nossa cultura professor quando entra na sala de aula de uma periferia, ele entra na nossa cultura, pra a gente poder entender o que ele quer falar, pra a gente entender qual a orientação dele e daí vem as faculdades de educação pra sabe mesmo como introduzir a educação em todo e qualquer colégio em toda e qualquer instituição, acho que daí sai mais a diferença dos periféricos pro social assim.

Sempre estudei na Ceilândia, sempre morei, teve um momento da minha vida, foi quando eu juntei minha escova de dente com outra menina que eu fui morar no recanto das emas, foi um curto prazo, foi mais ou menos um ano e meio, aí eu voltei pra Ceilândia, então sempre introduzida aqui, porque meus pais, meus familiares moram aqui na Ceilândia, sempre estudei aqui na Ceilândia também e escolas públicas e geralmente a noite, aí entra uma outra questão, estudar a noite é muito perigoso, realmente muito perigoso, só que eu observei uma coisa estudando a noite muito legal, porque a noite as pessoas que realmente querem estudar, são as pessoas que chegam do trabalho tarde, que não tem tempo, que o único horário que sobrou foi pra estudar a noite e é pra lá que eu vou e quando chegam lá sentam realmente, prestam muito mais atenção do que a galera que estuda de dia, porque é uma coisa assim, você tem que estudar, você tem que lê, você tem que ter boas notas, os pais te colocam nessa situação. A noite é uma galera que tem que fazer e vão fazer, vão fazer porque essa sociedade porque essa a sociedade que a gente vai fazer isso que você quer ser alguém na vida, você tem que passar num concurso público, tenho uma amiga que ela fala bem assim, ela é muito engraçada, “gente como é pra viver em Brasília, é simples, você nasce, cresce, compra um umidificador de ar, passa num concurso público, compra um apartamento em águas claras e morre, pronto, sua vida é essa em Brasília”, gente cadê o resto, e aí onde fica nossa cultura, nossa identidade periférica, é só comprar um apartamento em águas claras, naquela cidade que pra mim não tenho interesse nenhum, não consigo ver um lugar interessante ali, não consigo ver uma coisa legal assim e estão tentando implantar essa cultura branca

na nossa identidade. Hoje construindo grandes shoppings, shoppings caros, de nome grande na favela, sacou? E eu não consigo entender o porquê disso, eu não consigo entender, colocando uma parada de alto custo pra um alto público, um público de custo mais alto pra uma galera inocente, uma galera mais humilde, porque você coloca de padrão lago sul dentro da Ceilândia, eu não sei se eu posso citar o nome do shopping?

Eu queria agradecer a voz, porque é tão bom a gente poder falar da nossa com muito orgulho que eu falo que eu sou periférica, que eu sou assim, mais num momento que me encontro, sem um alto cargo social, sem uma escolaridade plausível, podendo falar com orgulho de onde eu sou e falar com orgulho quem eu sou e de onde vim e pra onde vou.

Tereza

Tereza tem 47 anos, é residente no Condomínio Sol nascente, região periférica com grande desigualdade social localizada em Ceilândia - Distrito Federal, cenário composto de casas amontoadas umas contra as outras ao longo de ruas. Muitas construções com tijolos em evidência têm ainda a aparência de inacabadas, esperando que seus proprietários consigam algum dinheiro para dar continuidade à construção, os moradores são, em sua grande maioria vindos do nordeste (Maranhão, Piauí, Bahia, Paraíba, Pernambuco e outros), como Tereza.

Eu nasci no interior da Bahia, na região semiárida. É, a minha história nunca foi fácil, mas também nunca teve obstáculo. E pela cor eu nunca tive dificuldade, por nada de preconceito, isso não me barra. Eu sou assim, desde que eu me entendi por gente... não sei, acho que desde os 18 anos eu já tinha uma luta travada aí, porque eu luto contra a injustiça, entendeu?

Eu tenho essa bandeira pela injustiça. Assim, de todas as coisas que eu vejo que não tá certo, mas não pela cor, pela opção sexual. Essas coisas assim nada me barra, eu não tenho problema nenhum nessa parte.

Diferente das outras entrevistadas, Tereza, autodeclarada negra, e nascida na Bahia, região majoritariamente negra do país, não reconhece o racismo como um limitador de sua vida. Para ela a pobreza em que nasceu e que permanece em seu dia a dia tem peso muito maior. Em termos genéricos, quando Tereza fala de pobreza, fala de escassez, podemos, assim, fazer clara associação entre preconceito e valor social. Lins et AL (2014) afirmam que as sociedades que

possuem problemas sociais básicos dão prioridade a valores materiais e não “subjetivo” como é o racismo. O racismo é para eles que já superaram os problemas matérias de sobrevivência.

Mas como eu tava dizendo, eu nasci no interior mesmo. Interior semiárido, muita dificuldade, era na roça. Nasci também em uma época, que foi há 47 anos e ler e escrever não era pra todos. E essa minoria que tinha chance não seria mulher. No interior eles tinham uma cultura de: pra que mulher saber ler? Se só tinha que nascer, crescer e dar a luz a muitos filhos pra ajudar os maridos na roça ou então pra escrever carta pra rapaz quando tivesse moça.

Era uma coisa negativa que eles tinham, os pais. Eles tinham isso com eles, então eles não permitiam que as filhas mulheres fossem pra escola.

Eu nasci nessa época, e enfrentei essas dificuldades, porque também a gente não tinha muita comunicação com os pais. As mães da gente que eram as intermediadoras da conversa entre a gente e os pais. Não existia essa liberdade de sentar e conversar com os pais. Eu tinha muita vontade de estudar, mas eu não tinha muita oportunidade, por esse fato. Sou de uma família de muitos irmãos, mas todos os meus irmãos eram homens e eram mais velhos que eu. Um dos meus irmãos, de nove, um teve chance de ir pra escola. Os outros enfrentavam dificuldade porque já iam pra escola muito grande [velhos]. Enfrentavam alguma dificuldade e meu pai logo desistia de tentar continuar com ele na escola.

Dificuldade acho que de comportamento e de tudo, eles já iam rapazinhos pra escola. Mas um dos irmãos meus se dedicou e era muito esforçado e desde pequeno mesmo ele tinha vocação pra estudar e tinha vontade. E eu também tinha, mas eu trabalhava na roça, eu contribuía com o serviço braçal na roça, junto com a minha mãe. E por ter muita vontade de estudar, eu ficava escrevendo na areia, eu escrevi muito na areia. Eu acho até que eu escrevo um pouco bem. Eu acho assim minha letra boa, porque eu escrevia muito na areia, eu praticava muito.

Tereza não tem a história diferente de muitas/os negras/os dos anos de 1970. Nascida no interior da Bahia, trabalhava na roça, exercendo papéis ditos masculinos, e, ainda que privada do direito de estudar, lutava para alcançar condições dignas de vida, que para ela seria através dos estudos. A família, dentro deste modelo, pode ser analisada à luz da oposição casa e rua, conforme observa Da Matta (1980): Segundo ele a casa é domínio interior, da intimidade, da família, do descanso e da ordem, enquanto a rua é o exterior, lugar da ação, do imprevisto e do trabalho. A casa é lugar por excelência da mulher, e o homem deve buscar na rua, no mundo da realidade mais dura, o sustento da casa.

Minha mãe há 47 anos ou há 60 anos atrás, que eu posso dizer isso, minha mãe já era uma pessoa diferente das outras mulheres da época. Mesmo com os maridos conservadores e autoritários, mas ela enfrentou meu pai e por esse direito de eu estudar. Ela levou duas semanas tentando convencer ele, e ele disse “ta bem, então ela vai pra escola. Só que a tarefa que ela fazia você vai fazer dobrada. Vai fazer a sua e a dela”, minha mãe disse “feito. Eu faço!”. E aí me deu esse direito de eu aprender a escrever. Por isso que eu escrevi aqui hoje, porque a minha mãe me deu essa oportunidade.

Ela levantou essa bandeira, enfrentou meu pai e eu fui pra escola. Eu fui desenvolvendo muito rápido na escola, eu era muito boa em interpretação de texto e fui desenvolvendo e até ganhei autonomia e o direito de estudar. Até meu pai disse que eu tinha condições de continuar na escola, porque eu era esforçada, eu não dava trabalho, eu tinha vergonha de tirar nota baixa. Aí já nem era por causa da minha mãe, era por causa de mim mesma, eu não gostava, quando eu tirava um 8 aquilo ali pra mim era uma decepção. Se eu tirasse um 9,5 em geografia que era a matéria que eu mais gostava, eu levava o tempo todinho quebrando cabeça por causa que eu perdi aquele cinco décimos. Eu era desse jeito, eu era decidida.

As falas de Tereza nos mostram, conforme define Simmel (1971), que a família tem um estado sociológico ambíguo. “A família tem um papel sociológico duplo e especial. Por um lado é uma extensão da nossa própria personalidade; é uma unidade através da qual se sente o próprio sangue correr, que surge ao se fechar para todas as outras unidades sociais e ao encerrar-nos como parte de si mesma. Por outro lado, também constitui um complexo dentro do qual o indivíduo se distingue de todos os outros, no qual em oposição aos outros membros, o indivíduo desenvolve uma identidade e uma antítese. É o comportamento de Tereza com relação a sua família, em especial à sua mãe, que buscou novos caminhos, mesmo com o peso do gênero, o que despertou de alguma forma sua subjetividade ativista.

E aí fui até no...e aí, minha mãe começou... eu acho que minha mãe sonhava mais alto, aí eu tinha uma tia que mora aqui em Brasília, agora em dezembro ela completa 90 anos, e ela sempre ia no interior visitar a gente. Quando chegou lá a minha mãe disse: “não...”. a minha tia queria me trazer e meu pai disse não e minha mãe começou a chorar e disse: “eu sei que vou sofrer muito, que vou chorar, mas eu prefiro que minha filha vá pra lá. Talvez ela tenha um futuro diferente do meu. As vezes não vai ser preciso ela ganhar muitos filhos e vai levar uma vida melhor do que aqui na roça. Ela merece”, minha mãe falou isso. E aí eu vim com essa tia minha, mas eu não tinha costume de ficar distante da minha mãe e de 6 em 6 meses eu ia embora. Voltava e ia embora pra lá. Quando chegava lá eu tinha dificuldade, porque já tinha aprendido outras coisas, que eu também tinha os ideais que eu queria trabalhar, que eu queria ganhar alguma coisa pra

ajudar minha mãe. Eu sempre tive esse pensamento. Ai eu ficava pra lá e pra cá com essa tia minha, mas eu continuava na escola. Esses 6 meses que eu passava lá, quando eu voltava eu recuperava esse tempo na escola. Eu sempre passava de ano, sempre passava.

Pobre, negra, mulher e nordestina, Tereza busca através dos estudos e da mudança para a capital do País não somente a ascensão social, mas principalmente condições dignas de vida para si e para a família que fica no interior. Importante Tereza enfatizar a educação, pois entre os componentes estruturais, sem dúvida o mais significativo é o aspecto educacional. Ao se situar nos grupos com menor acesso à educação formal, as negras ocupam postos de menor prestígio no mercado de trabalho.

Ai quando eu já tava pra terminar o segundo grau, aqui em Brasília, eu comecei meu primeiro trabalho comunitário, trabalhando com as meninas ai fazendo o trabalho da codeplan pro governo de Joaquim Roriz, pra primeira vez que ele ia se candidatar. eu já fiz esse trabalho ai, um trabalho que era o nascimento da Chaparral da expansão do setor o. Eu não sei se era 84 ou 86, eu não sei que ano era esse, não dá pra lembrar direito. Foi estudando lá no ensino 12, do “Setor O” que acho que eu fiquei sabendo, não sei por que, acho que andava uma pessoa fazendo levantamento. Daí a gente se juntou, juntamos esse grupo de pessoa fazer esse trabalho. Era muitas pessoas, muitas mulheres, era só mulher. Só tinha mulher, e a gente fez. Eu acredito que ai eu dei uma parada na minha vida, que era pra eu ter ido um pouquinho mais enfrente, foi nessa época ai.

Ai o governador tomava café junto com a gente, ali onde é hoje o restaurante, e falou assim “oh meninas, quando vocês terminarem esse trabalho ai, quando terminar esse problema meu de eleição, quando vocês terminarem esse trabalho que vai vencer o assentamento de lotes, o primeiro lote é de vocês. Vocês podem pedir e qualquer oportunidade de trabalho também, vocês podem pedir que a gente vai servir.”

Eu não tinha pensamento no trabalho, eu tinha na escola, eu queria era continuar estudando. Ai de fato, demorou pouco tempo e a gente terminou esse trabalho e ele deu a carta pra cada um de nos, pra ter direito ao lote. Eu tinha 18 anos quando eu consegui o primeiro lote que foi na QNQ, QNQ 3.

Ai eu empolguei com o lote e resolvi parar de estudar, arrumar um trabalho, trabalhar e construir a casa pra morar. Ai os planos mudaram, ai foi que eu parei. E eu construi nesse lote e arrumei um emprego, onde eu trabalhei por 11 anos. Ai eu continuei ajudando a minha mãe só que parei na escola, eu tava no segundo ano do segundo grau, parei nessa parte e não continuei mais, por causa desse lote.

A educação é considerada por Tereza a grande investimento que lhe traria a garantia de direitos e igualdade. Porém, o abandono dos estudos não é incomum

nas trajetórias de negras pobres. Os dados sobre analfabetismo, disponíveis para o ano de 2009, revelam que, enquanto 6,42% das mulheres brancas de 15 anos ou mais não sabem ler nem escrever, esse percentual é bem maior entre as negras e indígenas (Heringer e Silva , 2011, p.273). Tais diferenças para Tereza são desigualdades graves, afetando a capacidade de inserção da população de Ceilândia em diferentes áreas e comprometendo a oportunidades para todos.

Ai comecei a abraçar outras bandeiras, fui fazendo parte de outras comunidades, de outras causas, e fui ganhando conhecimento em alguma coisa. Sempre gostei muito de ler e comecei ler e fui entrando nos movimentos pela luta de alguma coisa, batendo naquela tecla pra ver se uma hora rompia ou cedia.

Aah, lutas pela justiça social, pelo direito de todos, de terem uma coisa. Porque tem umas coisas aí que eu fico imaginando o porquê pra gente conseguir uma vaga de um menino no menor aprendiz é uma luta pra gente. Maior dificuldade. Mas um menino da mesma idade consegue trabalhar em uma emissora de televisão sem problema, não é? Então a gente vê essas desigualdades que vem.

No plano piloto tem uma sala de aula as vezes com 8 menino, aqui a gente vai pra 48. Lá as professoras se esforçam mais, né? Aqui nessa região nossa tem um problema, as professoras melhorzinhas ficam aqui pro centro da Ceilândia. Se for criando alguma dificuldade, pra professora se adaptar ou os alunos, porque os alunos são diferentes aqui pra baixo. É diferente.

Tereza chama atenção da importância da educação, contudo não faz menção à questão da raça, é importante sinalizar que Tereza vê na educação uma forma do sujeito ganhar reconhecimento, de habilitá-lo para a vida profissional, de permitir-lhe conhecer melhor os seus problemas e, até mesmo, como uma maneira de conquistar e garantir os seus direitos.

E eu acho que não tinha que ser assim, eu acho que tinha que ter mais apoio da base educação. Porque a educação não é Deus, mas pode muita coisa.

Só através da educação que a pessoa vai mudando, vai moldando. Quanto mais você aprofunda nos estudos mais você vai ganhando conhecimento, vai descobrindo seus direitos, vai lutando por seus ideais. E a única forma melhor de se igualar a alguém, ou mesmo até ajudar alguém. Quanto mais a pessoa não tem conhecimento, ou é analfabeto, mais ele é privado dos seus direitos, ele é submisso, quem mais estuda tem chance de trabalhar menos e ganhar mais, quem menos estuda levanta mais cedo e trabalha mais e é mais humilhado, porque ele acha que às vezes até o trabalho que ele consegue por ser um bom funcionário ele achar que é por tipo um favor, né? Ele não

sabe os direitos que ele tem, não sabe que ele tem direito de reivindicar por uma coisa melhor. Então eu vejo que é através da educação.

Tereza discutindo sua inserção em trabalho comunitário traz à tona a questão de que a nossa sociedade capitalista e perversa prioriza as técnicas e habilidades necessárias para o trabalho livre na modernização, atendendo às expectativas de desenvolvimento defendido e controlado pelas elites, que Tereza não relaciona com a questão racial, todavia a elite majoritariamente é branca.

Eu vejo que isso é uma falha muito grande, e não é só nessa parte não nas demais também. Eu sei que ainda tem mulher que na época de hoje ainda tem essa submissão com seus maridos, que as vezes os filhos querem ir longe, querem estudar e eles ficam privados.

Eu tenho um caso assim, um menino é muito inteligente, mas o pai não esforça a mínima e tira o menino da escola pra por pra ser servente de pedreiro. Então ta parando a vida do menino, tem uma chance e no meio de mil ele é um dos melhores que ta ali e...

Uma relativa independência econômica da mulher aliada a uma maior instabilidade nas uniões conjugais, que deixa em muitos lares, a mãe como única autoridade, tem levado alguns pesquisadores a falarem da presença de um modelo matrifocal entre as camadas populares (Woortman, 1987; Zaluar, 1985). Woortman é especialmente enfático ao defender essa posição. Segundo este autor: “eles (os homens) não exercem, de fato a autoridade. É a mulher que é o principal dominante, pois é ela que gerencia o orçamento doméstico, além de frequentemente contribuir para ele. É ela que exerce autoridade imediata sobre os filhos, que decide sobre questões de escolaridade ou com quem podem ou não brincar... é ela que tem um papel crucial na alocação dos filhos, na procura de emprego para eles”. (1987: 139). Ainda que o homem tenha uma autoridade teórica, é a mulher quem exerce concretamente a autoridade. O relato de Tereza corrobora com o autor o que também será importante na sua movimentação como ativista.

Ainda tem muito homem machista que veio dessa cultura que eu vim, só que essa minha eu abri mão. Eu converso muito isso com meus filhos, hoje eu sou mãe. Sou mãe biológica de dois e tenho dois adotivos. E eu me desdubro pra entender melhor os meus filhos, a gente conversa tudo, todo tipo de coisa. Eu sou mãe apoiadora. Eu me vejo em papel de mãe e pai. Eu passei por aquela cultura, mas eu deixei ela para trás. Eu busco dividir aquilo que eu tenho com os outros, pra tentar alcançar um lugar no sol, né? Com mais dignidade, não apoio coisa ruim e nem faço apologia ao crime, mas eu acho que a gente tem que dar uma chance, eu acho que todo mundo tem que ter uma segunda chance, mesmo que ta no meio errado, mas a gente tem esse direito de tentar ajudar. A gente não colocou ele lá, não fez nada pra ele cair lá, não contribuiu, mas acho que a gente tem o dever

de lutar pra aquela pessoa. Eu acredito que existam pessoas mais fracas que as outras. Não mais fracas na parte física, mas na parte mental, fraca de espírito. Tem gente que aguenta muita pressão. Eu acho que eu sou dessas que aguentam muita pressão, outros já não aguentam e a gente tá aí pra apoiar esse povo.

Eu tenho essa luta aí, e mesmo no meu silêncio, com a minha limitação porque como eu estou dizendo eu não fui muito além nos estudos e nem tenho condições financeiras, que é o meu sonho. Eu tenho muitos sonhos na cabeça de fazer tipo uma revolução pra melhorar a vida, mas eu não tenho, então eu vou na minha limitação, mas eu não paro, eu não cesso. Cada dia eu olho pra um horizonte, olho outro, dou valor a tudo, dou valor muito a natureza. Eu tenho uma parte indígena que eu me apego a natureza, eu sou conservadora, não sou de destruir nada. Eu me apego a tudo que é do meio ambiente pra deixar pras pessoas. Eu vejo que há 70 anos atrás quem passou aí, porque isso não é nosso, eles passaram e entregaram pra nós direitinho, mas essa época nossa agora não tá cuidando.

A verdadeira fé se manifesta pelo amor, e o verdadeiro amor se revela através do serviço. Quando o cristão cruza seu braço diante das injustiças e da opressão, não prejudica só a si mesmo, mas a toda a sociedade. Se torna co-responsável da propagação da injustiça.

Tereza relata que a inserção no movimento ativista foi estimulada pela fé evangélica, e o verdadeiro amor se revela através do serviço. E que ela não gosta de “cruzar os braços” diante das injustiças e da opressão, pois prejudica toda a comunidade, com injustiça e preconceitos. Tereza relata preconceito de local com Ceilândia, religião e de raça vivenciada pelo filho. Inclusive a narrativa de Tereza eloquente quando a mesma retrata que o posto de saúde foi uma luta da mesma por conta do irmão não ser atendido por morar no Sol Nascente – Ceilândia.

Foi na comunidade evangélica que fui tomando conhecimento e aperfeiçoando as coisas do bem. A primeira igreja que eu tive acesso foi a igreja batista, e eu não me adaptei muito porque eu era criança, aí nos 18 anos eu passei a ser membro da igreja presbiteriana que é uma igreja muito amorosa, mais aberta, mais liberal e que tem os trabalhos femininos, que também é uma luta também. Tem eventos sociais muito grandes, na educação, saúde e tudo. Desenvolve trabalho de evangelismo com mulheres, o sopão em um lugar livre, aberto, fora de quatro paredes pra qualquer pessoa de religião, casa ou opção sexual pudesse ficar livremente, se comunicar, se juntava também pra qualquer outro trabalho comunitário que as pessoas tivessem precisando, reforço escolar pra que as crianças tivessem mais facilidade, comprar uniforme, material escolar, fazer casa pra família que não tinha, juntava todo mundo igual formiga, fazia galinhada pra arrecadar dinheiro, comprava os tijolos e ia montando, essas coisas.

Eu lutei por esse posto de saúde aqui , por exemplo, foi três anos foi a tecla que eu batia porque todos nos aqui dessa região éramos do outro posto, e pra ir do outro era o valor da passagem pra ir pro plano piloto. Era 1,50 ate aqui e outro 1,50 até lá, muito contra mão. E outro também era o SAMU, que o SAMU não queria descer a noite pra ali, meu irmão eu perdi assim. Quando conseguiram uma viatura pra acompanhar o samu pra chegar lá ele já tinha morrido. Não iam por causa da violência, tinham medo de entrar. Então eu sempre lutei por esses dois temas, é a saúde é a vida, porque dificultar tanto assim?

É isso que eu te falo, pra que ter tantas diferenças, ne? Uns ter acesso as vezes a um plano de saúde, tem gente que faz ate hospital pra cachorro, e um ser humano morrer ali porque não tem acesso e é direito dele. A vida é direito de todos.

As pessoas ficam fazendo as outras de invisível, por isso tem que falar. Sabe onde é que eu vejo isso? Naquela parada ali do Pátio Brasil, uma hora você vai ali pra experiência e tenta pedir uma informação pra você vê. Eles passam por você como se você não existisse. Passam e criam essa invisibilidade. Não enxergam o próximo. E ai chega um tempo que a pessoa tem vontade de falar e não tem condições. Por ser privado, e nos temos que ter essa liberdade. E até na religião tem que ter, tem religião que oprime, que mulher não pode falar, que tem muita regra, eu posso, e a gente tem que falar.

Ao sair do espaço simbolicamente determinado para negros, Tereza se vê “fora do lugar” e reconhece sua invisibilidade em espaços considerados brancos, como o Plano Piloto. Tereza reconhece as marcas de classe que carrega, não seria então um fator de proteção o não reconhecer também as implicações do racismo?

Eu era agente de cidadania, é um multiplicador ligado ao CRAS que leva as informações do serviço social, trabalho e ofertas pros usuários. Tinha muita mulher concorrendo, Foi uma experiência muito boa, de qualquer jeito eu já fazia esse trabalho, por que sempre fiz isso de passar a informação pros outros. Mas lá era bom que eu tinha a chance de ser remunerada né? Já fui promotora da paz também. Só experiência boa.

Eu já nasci com isso no sangue de lutar pelas coisas. As vezes até na roça que eu trabalhava quando eu era criança o dono da roça as vezes me colocava como fiscal, na sala de aula também eu sempre era a líder. Ai eu fui começando a olhar o redor, porque tem isso de olhar so pra você, ne? Eu olhei pros outros, ao redor. Porque eu não sabia quantas pessoas naquele tempo queriam estudar também, as vezes passavam pelo mesmo problema que eu de não poder estudar e eu não sabia. E eu cheguei La por causa da minha mãe, mesmo nessa dificuldade por causa do meu pai e tudo.

Mas meu pai mudou, depois de um tempo quando ele foi chegando aos 70 anos ele mudou isso. E ler é uma dádiva né? Hoje a gente não dá valor porque todos nós aqui sabemos ler. A pessoa que não sabe ler é como uma pessoa que vive no escuro.

Eu sempre quando ia de férias lá no interior, e eles já moravam na cidade, e todo dia de tarde assim as quatro horas da tarde, quando o sol esfriava eu tirava um tempo pra ler pra eles dois. Porque as vezes tem um livro que eles viam que tinham figuras bonitas, mas não sabiam o que tava dizendo. Lia muito a bíblia pra eles dois. Lia pra eles e lia pra outros idosos também. Eu gosto muito de contar histórias, meus filhos aprendem muito com histórias.

Tem que ter um referencial né? a bíblia por exemplo não tem muita mulher, e os pastores usam disso pra não dar muita liberdade pra gente.

As vezes pode até ser que as pessoas olhem pra gente nessa coisa de cor com um olhar atravessado. Pode ser. Pode ser que eu nunca percebi isso porque eu não dou importância. Se eu vejo isso, aquilo ali não me barra, não tira minha paz. Eu acho até uma cor resistente e firme, que não desbota. Não tenho problemas com a cor e com as outras coisas também, eu me polio muito.

Eu não sei se minha cor incomoda os outros não, mas as vezes a classe social sim. Eu já entrei em estabelecimentos que a pessoa desconfia. Essa semana mesmo eu entrei em uma livraria pra comprar o material e acho que a vendedora ficou meio desconfiada, achou que... Depois ela ficou desconcertada porque o dono do comércio me conhece, eu só compro lá material escolar, ela era novata. Mas também não me atrapalha, não fico triste. Eu aprendi a viver assim,

Mas assim, a ceilândia é discriminada demais, e o sol nascente é uma favela na ceilândia então é bem discriminada. Meu menino me contou uma história esses dias. Foi em uma faculdade lá no plano e ele disse que a professora estava com os alunos pra ir pra sala de aula e ela chegou na sala e tentou abrir a porta e tava fechada, aí ela perguntou quem é que ia abrir a porta e um rapaz foi e falou assim “não professora, eu sou da ceilândia.” E quando falou isso os outros foram afastando tudinho dele, ficou só ele de frente pra porta.

E ele me fala assim também, que um preto no plano piloto ou vai matar ou vai roubar. Ontem a noite mesmo ele tava me falando isso. E me falou que ele tava indo pra faculdade e a polícia barrou ele, ele tava de mochila.

Tem varias barreiras, né? tem muito preconceito. Eu tenho um filho dependente químico mesmo e tem muito preconceito isso. As pessoas não dão oportunidade.

Não sou casada no papel, mas vivo com uma pessoa há 19 anos. O pai dos meus meninos foi a primeira decepção que eu tive com homem assim. Mas tudo na vida tem uma decepção, os primeiros enganos.

Eu não tenho muita coisa pra falar não, mas eu me sinto assim uma apanhadora de sonhos. É muita luta.

Eu estou até escrevendo sobre isso. Eu gosto muito de escrever minhas experiências. Eu fico com essas escritas pra mim.

Uma vez eu ate escrevi umas três folhas a respeito do que eu penso da igreja, o pastor da igreja não gostou muito. Eu ate tive que me afastar um pouco.

A minha saúde? Aah, a minha ta ai. Participar disso tudo me ajuda, mas assim, eu ainda não me sinto totalmente realizada.

Ficar acomodado traz canseira, traz cansaço ate mental. Eu tenho uma vida agitada, as vezes bem agitada, mas eu deito e sei que fiz alguma coisa, isso me faz bem. Importante é não se acomodar com as coisas, mesmo que eu não consiga, mas o importante é que eu tentei, que eu falei.

E a gente tem que deixar ai também um legado, não tem que passar escondido. Eu espero que meu filhos aprendam pelo menos a viver.

Outra coisa boa é que a gente se encaixa, né? Eu não tenho dificuldade com vizinhança, todo lugar eles me conhecem. Pode ser o lugar que for, se só tiver gente perigosa eu me dou bem, se for pacato eu me dou bem, seja quem for. Eu não tenho barreiras, não tenho problema com nada, não tenho problema com homossexualidade, não tenho problema em dormir em qualquer lugar, comer qualquer coisa.

Outra vez vemos o ativismo como um fator de proteção da condição psicossocial dessas mulheres. Para Tereza, militar por condições dignas de vida para sua comunidade é sinônimo de realização, resistência e enfrentamento dos obstáculos impostos pelas desigualdades sociais.

V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia procuramos estabelecer uma discussão crítica acerca das biografias femininas relacionados a racismo e subjetividade e ativismo, incorporando elementos teóricos, como a antropologia e a psicologia social, para tentar compreender melhor certos aspectos que são em grande medida negligenciados na literatura sobre consciência da discriminação racial e a militância das mulheres negras. À luz dos dados apresentados nesta monografia, e com a ajuda destas contribuições teóricas tentaremos apontar o que julgamos serem as principais discussões deste estudo.

Como afrodescendente, a escrita desse trabalho ao mesmo tempo em que me gera angústias, pois me leva ao contato direto e contínuo com meu próprio sofrimento, através de relatos e bibliografias que confirmam o racismo, sexismo e a invisibilidade negra, também me trazem grata surpresa e admiração ao encontrar mulheres e histórias com as quais me identifico. Para além das entrevistas, um curso independente sobre saúde negra realizado em Brasília no mês de abril de 2015 e os encontros de um grupo de estudos sobre feminismos negros da UnB funcionaram como pano de fundo de algumas de minhas conclusões.

Ao analisarmos em conjunto as histórias relatadas, importa algumas observações, como por exemplo, de que são distintos os processos para a formação como ativistas das três entrevistadas. Luisa tem seu despertar para a militância na universidade, Dandara se reconhece dentro de sua comunidade na periferia e Tereza milita de forma autônoma e por vezes solitária desde sua infância, quando lhe negaram o direito de estudar.

Tereza tem característica singular em relação as outras ativistas, pois ela não se reconhece como militante antirracista, por afirmar que sua cor não impossibilita de nada. Tal afirmação pode ser interpretada como consequência do contexto negro que Tereza sempre viveu, ou seja, a constante vivência em espaços marcados por uma população majoritariamente negra (primeiramente no interior da Bahia e

atualmente na periferia de Brasília), considerados espaços de pertencimento e reconhecimento e que influenciam na auto-percepção.

Entretanto, a ausência de auto-identificação como ativista antirracista não faz de Tereza contrária a luta antirracista e nem sua atuação na militância menos importante para a comunidade negra, ou seja, ainda que não nomeie dessa maneira, Tereza é uma mulher negra que enfrenta e combate em seu dia a dia as consequências do racismo.

As observações acerca das classes não se restringem à Tereza. A marcação de classe social interferem na subjetividade de cada uma, o que tem efeito direto em suas militâncias. É possível perceber as diferentes prioridades na atuação no que se refere ao ativismo quando levamos em consideração o contexto de classe que se encontram e tais contextos são responsáveis pela visão de mundo que cada uma carrega.

A construção de estratégias para lidar com situações de discriminação e a significação da militância como resistência são individuais e dependem dos contextos sociais vivenciados. No caso das ativistas aqui entrevistadas, cada uma possui um disparador para entrar na militância e todas revelam a importância da atuação política para sua constituição e compreensão enquanto sujeito. Para Luisa, a participação coletiva em espaços do movimento negro contribui para sua compreensão do racismo e lhe dá ferramentas internas para o enfrentamento de tais adversidades através de um espaço onde consegue se sentir pertencente e acolhida. Já para Dandara e Tereza, a militância tem caráter coletivo, sendo a prioridade destas o compartilhamento e promoção de estratégias e condições de enfrentamento tanto do racismo e do machismo, quanto das desigualdades de classe.

A conjugação do racismo e sexismo tem consequências perversas com efeitos na saúde mental de mulheres negras, como a baixa autoestima, porém a condição de ativista torna essas mulheres empoderadas de sua negritude. Assumir a identidade de mulher negra ajuda a torná-las sujeitos autônomos, o que em uma sociedade com interesse em nos disciplinar e tornar seres dóceis, pode ser tarefa complexa e dura, entretanto o ativismo tem também efeitos positivos na saúde dessas mulheres.

Sentir-se pertencente a um grupo passa a ser um importante marco para o desenvolvimento da autoestima de mulheres negras, pois é nesse espaço que elas adquirem referências e segurança. Nesse sentido, a atuação no ativismo tem efeito na resignificação da imagem do negro, com consequência direta na saúde física e mental de quem as vive.

Com base em toda análise realizada nesse trabalho e sendo a Terapia Ocupacional, segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA), uma profissão que faz “uso terapêutico de atividades de vida diária (ocupações) em indivíduos ou grupos com o propósito de melhorar ou possibilitar participação em papéis, hábitos e rotinas em diversos ambientes como casa, escola, local de trabalho, comunidade e outros lugares.” podemos, portanto considerar o ativismo como importante ocupação na vida dessas mulheres, já que as entrevistas nos permitem concluir que ativistas negras não apenas lidam com o preconceito e o efeito do racismo em suas próprias vidas, mas estão expostas também a compreender as diversas situações de injustiça que envolve o povo negro.

O ativismo faz com que essas mulheres estejam cientes e sujeitadas ao assédio intelectual diário através de notícias, relatos e situações opressoras em seus cotidianos, tornando-se impossível separar a vida social do ativismo pelos Direitos humanos, e o terapeuta ocupacional nesse contexto tem como função interpretar as necessidades de acordo com sua realidade para um cuidado mais acurado que considere raça, gênero, posicionamento social, econômico e sexualidade.

As conclusões desse trabalho nos levam a compreender o ativismo como uma forma de reconstrução positiva da identidade por algumas mulheres negras apesar de toda desvalorização e desumanização que historicamente nos tem sido impostas. Porém é importante enfatizar que os achados podem variar de acordo com a subjetividade de cada sujeito, sendo então esse um tema que não está esgotado e podendo ser revisitado em pesquisas futuras.

REFERÊNCIA

BRAH, Avtar. **“Diferença, Diversidade, Diferenciação”**. In: Cadernos Pagu, 26. Campinas, 2006. p. 329-376.

BRASIL, 2010. Política Nacional de Assistência Integral à Saúde da População Negra. Ministério da Saúde. Brasil, 2010.

BRASIL, S. A. ; TRAD, L. A. B. . **O movimento negro na construção da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra e sua relação com o Estado brasileiro**. In: Luís Eduardo Batista; Jurema Werneck; Fernanda Lopes. (Org.). Saúde da população negra. 1ed.Petrópolis: DP et Alii, 2012, v. 1, p. 70-97.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde. **O SUS de A a Z: garantindo saúde nos municípios-** 3. ed..- Brasília. Editora do Ministério da Saúde, 2009. 480 p.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. Ministério da Saúde. -2.ed- Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Pensar o Brasil para o enfrentamento do racismo, do sexismo e da lesbofobia: relatório final do grupo de Trabalho para Fortalecimento das ações de enfrentamento ao Racismo, Sexismo e Lesbofobia do plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: SPM/PR, 2010. CEM ANOS de Resistência. Maria Mulher Boletim, Porto Alegre, ano 1, nov. 1987.Capa.

CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Tereza. **Mulher Negra**. São Paulo, Conselho Estadual da Condição Feminina/Nobel, 1985.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento: Estudos Avançados**, São Paulo, nº 49.2003,126.

COLLINS, Patricia Hill. (1990), **“Pensamento feminista negro: conhecimento, consci- ência e a política do empoderamento”**. Trad. Natália Luchini. Seminário “Teoria Feminista”, Cebrap, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York/London: Routledge, 2000.

Da Matta, Roberto. (1978). **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio De Janeiro: Zahar.

DAVIS, Angela. (1981), **Women, race and class**.Nova York, Vintage Books.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. *Tempo*[online]. 2007, vol.12, n.23, pp. 100-122. ISSN 1413-7704. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007>

FAUSTINO, D.M.O. **A equidade racial nas políticas de saúde.** In: BATISTA, L.E.;

FAUSTINO, Deivison Mendes e SPIASSI, Ana Lucia. **Movimento negro, vulnerabilidade e saúde.** *BIS, Bol. Inst. Saúde (Impr.)* [online]. 2010, vol.12, n.2, pp.162-166. ISSN 1518-1812.

GESTEIRA, E. ; FONSECA, A. B. **A construção da raça nacional: estratégias eugênicas em torno do corpo da mulher.** In: Jurema Werneck, Luis Eduardo Batista e Fernanda Lopes. (Org.).Saúde da População Negra. 1ED.: 2012, V. ,p. 225-244.

GOLDENBERG, M.A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997 p.107

HENSIGER, R; SILVA, J . **Diversidade, relações raciais e étnicas e de gênero no Brasil contemporâneo** In:Organização: BARSTED,L.L; PITANGUY, J O progresso das mulheres no Brasil 2003–2010. – Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. **Os efeitos psicossociais do racismo.** São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2008.

LOPES, F.;WERNECK J.. **Saúde da População Negra: da conceituação às políticas públicas de direito.** In: WERNECK, J. (org). Mulheres Negras:um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Criola, 2013.

LOPES, Fernanda. **Se você me nega, eu me assumo. O direito à saúde e a busca por justiça social.** Jornal Irohin, número 18. Disponível em: <http://redesaudedapopulacaonegra.blogspot.com.br/2008/10/se-voc-me-nega-eu-me-assumo-o-direito.html> Acesso em: 24/04/2015

MAIO, Marcos Chor and MONTEIRO, Simone.**Tempos de racialização: o caso da 'saúde da população negra' no Brasil.** *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2005, vol.12, n.2, pp. 419-446. ISSN 0104-5970. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702005000200010>.

Marques JF. **Os dois racismos dos portugueses.** Actas do Atelier do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas. Reflexividade e Acção Atelier: Migrações e Etnicidades. Coimbra, 2007.

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICILIOS- PNAD 2013-Brasília (DF)- dezembro 2014.

SANTOS, S. B. **As ONGs de mulheres negras no Brasil.** *Soc. e Cult.*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 275-288, jul./dez. 2009.

Simmel, Georg. (1971). *On Individuality and Social forms.* Chicago: The University of Chicago Press.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPIASSI AL, Faustino DM, Akerman M et al. Saúde da população negra no ABC: diálogos com o movimento social sobre a prevenção das DST/Aids. CESCO - Centro de Estudos de Saúde Coletiva do ABC. São Paulo: Mídia Alternativa comunicação e Editora:2009

WERNECK, J.; LOPES, F. (Org).**Saúde da população negra**. Brasília: ABNP, 2012.

Woortmann, Klaas. (1987). **A Família das Mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/CNPq

Zaluar, Alba. (1985). **A Máquina e a Revolta _ As Organizações Populares e o Significado da Pobreza**. São Paulo: Brasiliense.

ZAMORA, MHRN. **Desigualdade racial, racismo e seus efeitos**. Fractal, Rev. Psicol., v. 24 – n. 3, p. 563-578, Set./Dez. 2012

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa “Biografias Femininas, racismo e subjetividade feminista- Um olhar sobre a saúde de militantes feministas negras”, sob a responsabilidade do pesquisador Josenaide Engracia dos Santos. O projeto trata de como o **racismo é algo que afeta todo o ciclo de vida da pessoa e é algo que se traduz em problemas psicológicos e emocionais sérios, na medida em que parte da população negra e mestiça tem uma auto- imagem negativa, internalizada toda uma série de estereótipos negativos. A consciência do efeito do racismo e da exclusão impulsiona o surgimento de movimentos de mulheres negras de combate ao racismo e sexismo, que constroem assim demandas específicas das mulheres negras que lutam contra as desigualdades geradas pelo gênero. Compreender forma que se dá o processo e significação da militância na vida de mulheres negras feministas, e o reflexo de sua vivencia na saúde. Metodologia. Trata-se de um método qualitativo. Análise. O método de análise e interpretação da Entrevista Narrativa proposto por Schütze visa a reconstrução dos eventos e dos processos biográficos do narrador. O feminismo negro se dá na luta de mulheres negras.**

O objetivo desta pesquisa é :Compreender forma que se dá o processo e significação da militância na vida de mulheres negras feministas, e o reflexo de sua vivencia na saúde.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a)

A sua participação se dará por meio de entrevista que será gravada. A pesquisa ocorrerá na sua residência, em horário previamente agendado, na data combinada com um tempo estimado em trinta minutos, em apenas um encontro para sua realização.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem provocar um desconforto pelo tempo exigido ou até um constrangimento pelo teor dos questionamentos. Os riscos estão

relacionados ao conteúdo, assunto que podem provocar constrangimento, invasão de privacidade, fortes emoções, ansiedade e receio, a forma de minimizá-los será por meio **dacompreensão prévia de todos os sujeitos de pesquisa acerca dos objetivos e instrumentos a serem utilizados no estudo, assim como serão revistas criteriosamente as questões que possam trazer algum tipo de incômodo aos participantes.** Se você aceitar participar, **estará contribuindo para aprofundamento e compreensão do fenômeno social estudado, maior conexão de significados com a realidade pesquisada e os dados podem ser utilizados para estratégias de enfrentamento do racismo.**

O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você poderá ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos, após isso serão destruídos ou mantidos na instituição.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Josenaide Engracia dos Santos, na Universidade de Brasília no telefone 61-33770615 e 61-91640758, no horário de 8 às 17 horas.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou

cepfsunb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00 hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor(a).

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome e assinatura

Brasília, _____de_____de_____.